



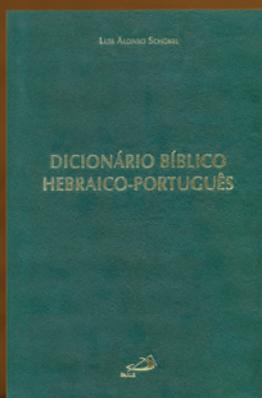
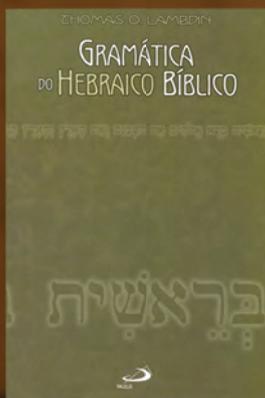
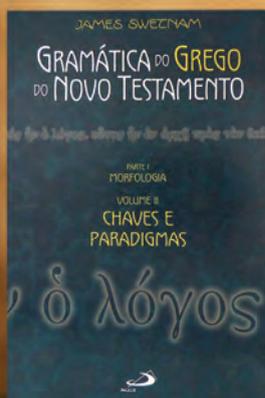
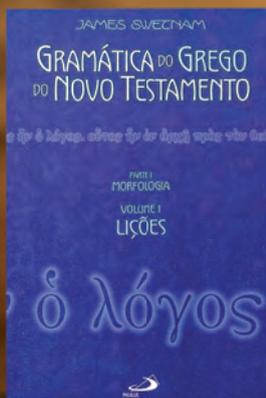
vida pastoral

maio-junho de 2021 – ano 62 – número 339



FRATELLI TUTTI E A FRATERNIDADE UNIVERSAL

DÊ UM SALTO NOS ESTUDOS BÍBLICOS



Grego e hebraico são os idiomas em que, originalmente, a Sagrada Escritura foi escrita. Ter noções sobre o vocabulário e a gramática dessas línguas contribui para uma melhor compreensão do texto e de suas traduções.

Com os dicionários e gramáticas da PAULUS, você consegue aprimorar seus conhecimentos ou até mesmo dar início, de forma autônoma, ao estudo das línguas bíblicas.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

Quando implodiu a pandemia do coronavírus no início do ano 2020, talvez uma das frases mais ouvidas nas *lives*, nas falas de muitos especialistas em crises e na linguagem do senso comum era: “Tudo isso vai passar e sairemos melhores dessa”. Parecia uma sentença oracular, como se uma profecia tivesse de se cumprir para redimir a humanidade. Contudo, com o passar do tempo, a crise que se apresentou com maior contundência foi a humanitária. Até se brincou com o trocadilho, perguntando se a crise pela qual passávamos seria de imunidade ou de humanidade. Não temos o “medidor” preciso do nível de humanidade, mas os fatos têm mostrado que a indicação do termômetro humano, no sentido de empatia e compaixão, ainda precisaria subir bastante.

O papa Francisco tem sido uma voz necessária. Desde o início de seu pontificado em 2013, sua palavra contundente ultrapassa as fronteiras da Igreja católica. Suas falas e gestos expressam um coração e ouvidos de pastor, capaz de sentir e ouvir a dor do mundo. E, além disso, ser um sinal firme de mobilização, de ação e transformação. No auge da pandemia, quando muitos insistiam no discurso de salvar a economia, ele se fez voz solidária e se apresentou como verdadeiro líder, transmitindo esperança e insistindo com as lideranças mundiais para darem primazia ao cuidado das pessoas. A atitude do papa foi de presença vigilante em favor da humanidade sofredora.

Na encíclica *Fratelli Tutti* (lançada em outubro de 2020), expressão usada por “São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho” (FT 1), o texto do papa ensina a todos nós o valor e a necessidade urgente da fraternidade e amizade social. Trata-se de um apelo para que acordemos do

possível sono da indiferença e nos esforcemos por verdadeira solidariedade universal.

Para colaborar com essa reflexão, esta edição de *Vida Pastoral* conta com o artigo de *Dom Joaquim Mol*, que discorre sobre o aspecto específico da comunicação na encíclica. O artigo pretende, além de mencionar alguns riscos do mau uso da comunicação, demonstrar sua importância na construção de novo modo de vida humana e do planeta. O artigo de *Pe. Claudiano Avelino*, por sua vez, com o tema da solidariedade, destaca elementos da *Fratelli Tutti*, tendo por base perguntas como: Por que o papa se dedica ao tema da política? O que fazer para que a amizade social e a fraternidade universal não se restrinjam ao mundo das boas ideias, mas tenham incidência em nossas comunidades? A perspectiva é da configuração com Jesus Cristo, algo essencial para iniciar o caminho da fraternidade universal.

Na esteira do pensamento do papa e no sentido da configuração com Cristo, *Pe. Luciano Massullo* discorre sobre as catequeses de Francisco referentes à liturgia da Palavra. De acordo com o autor, nas catequeses o papa nos ajuda, pela ritualidade, a entender a dinâmica de cada um de seus ritos. Por fim, um texto sobre a teologia do Evangelho de Marcos, considerando a liturgia do Ano Litúrgico B. O texto é fruto de uma *live* realizada pelo *Pe. João Paulo Sillio* com o *Pe. Jaldemir Vitória*. Trata-se de uma chave de leitura para entender a teologia marcana. Além disso, dispomos dos tradicionais *Roiteiros Homiléticos*, desta vez com a preciosa colaboração de *Ir. Izabel Patuzzo*.

Desejamos a todos uma ação pastoral com o sabor do Evangelho.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 62 - Nº 339
Maio-Junho de 2021

Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Jornalista responsável

Valdir José de Castro, ssp

Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Conselho editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

Ilustrações

Romolo Picoli Ronchetti (artigos)

e iStock

(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação e projeto gráfico

Elisa Zuigeber

Revisão

Alexandre Santana e

Tiago José Risi Leme

Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

COMUNICAÇÃO NA *FRATELLI TUTTI*:
SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL..... 5
Joaquim Giovanni Mol Guimarães

SOLIDARIEDADE: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA
ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*, DO PAPA FRANCISCO 17
Claudio Avelino dos Santos

A LITURGIA DA PALAVRA NAS CATEQUESES
DO PAPA FRANCISCO 24
Luciano da Costa Massullo

MINICURSO
“COM MARCOS NO SEGUIMENTO DE JESUS” 33
Jaldemir Vitório e João Paulo Goes Sillio

ROTEIROS HOMILÉTICOS 39
Izabel Patuzzo

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livreria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555-0

Bradesco: agência 0108-2, conta 324139-4

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br





Comunicação na *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social

Este artigo é uma apresentação refletida e discutida do que a encíclica Fratelli Tutti, do papa Francisco, diz sobre comunicação e sobre alguns temas correlatos, como informação e mídia, considerando seus antecedentes, largamente debatidos nas sete mensagens dele para o Dia Mundial das Comunicações, as quais perduram desde que assim foi determinado pelo Concílio Vaticano II. O artigo pretende, além de mencionar alguns perigos do mau uso da comunicação, demonstrar sua missão indispensável na construção de novo modo de vida humana e do planeta, mudança que a Fratelli Tutti preconiza.

*Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães é bispo auxiliar da arquidiocese de Belo Horizonte, reitor da PUC-Minas, teólogo e pastoralista, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da CNBB. E-mail: dommol@arquidiocesebh.org.br

INTRODUÇÃO: A COMUNICAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

Para alcançarmos o que o papa Francisco ensina sobre a comunicação em sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, é preciso buscar alguns pontos iluminadores que a precedem. Trata-se de uma análise da comunicação por ele praticada, aplicando algumas teorias subjacentes aos processos comunicacionais que ele empreende.

O papa Francisco, ao se comunicar, identifica-se com a comunicação e, por meio dela, expressa-se por palavras e gestos, pelas expressões do rosto e das mãos, pelas pausas silenciosas que antecedem ou concluem uma ideia mais densa ou que precisa chegar ao coração de todos, também dos mais simples. Sua comunicação possui a marca particular que a corrobora como comunicação autêntica: o fato de, visivelmente, transparecer na fala o que é vivido no interior e na vida cotidiana.

Dessa forma, a comunicação cumpre sua tarefa ferramental, instrumental – porque a mensagem chega ao destinatário –, mas sobretudo ganha o *status* de estratégica, no sentido de que ela, entendida como um processo, cumpre sua nobre missão de revelar a força da palavra, associada à forma da vida vivida.

O comunicador, portanto, nesse caso emblemático, não é um ser espetaculoso, frequentador de camarins, retocado por *blush*, mecanicamente treinado nos gestos, meticulosamente iluminado desde pontos cuidadosamente escolhidos, para esconder as marcas da idade, as cicatrizes corporais de uma vida de mais de 80 anos. O papa Francisco não faz *shows*. Ele encarna a mensagem que se personifica em cada ouvinte, o qual passa a

ser interlocutor, alguém que exerce missão importante no processo comunicacional.

Tomemos como exemplo o pronunciamento que ele fez, no dia 21 de novembro de 2020, no evento chamado “Economia de Francisco e Clara”, que reuniu o maior número, na história, de jovens economistas, jovens administradores e jovens que desenvolvem experiências alternativas, em busca de outros modos de economia no mundo, atendendo ao que disse o próprio papa: “Não estamos condenados a modelos econômicos que centram seus interesses imediatos na ganância como padrão de medida” (FRANCISCO, 2020a).

Nesse discurso, um pouco maior do que seus quase sempre breves pronunciamentos, o papa Francisco, por meio de um vídeo, assentado numa cadeira atrás de uma mesa (usada como suporte para as páginas do texto), focalizado de frente todo o tempo num cenário completamente límpido, “vivencia” o pronunciamento. Logo depois, nas redes sociais, constata-se grande quantidade de postagens, com frases tomadas do discurso, comentários, reflexões, agradecimentos. A partir dali, o encontro “Economia de Francisco e Clara” deixa de ser um evento e passa a ser um movimento de transformação da economia. A comunicação aconteceu, porque os frutos já começam a aparecer. De novo: o que ele falou é o que ele vem falando, avançando cada vez mais, e é seu testemunho de vida.

1. A COMUNICAÇÃO NA FRATELLI TUTTI

1.1. *Fratelli Tutti* faz parte da Doutrina Social da Igreja

A *Fratelli Tutti*, título cuja tradução seria “Todos irmãos” – como dizia Francisco de

Assis aos seus confrades – é a carta encíclica do papa Francisco, com data de 3 de outubro de 2020, situada na longa, histórica e preciosa esteira dos ensinamentos que constituem a Doutrina Social da Igreja. É nesse mesmo âmbito que se encontra, entre outras, a encíclica *Laudato Si'*, a qual cumpre a missão de colaborar com o despertar da humanidade para a ecologia integral, incluindo todos os seres do planeta e empenhando-se em salvá-lo da destruição, tal como a verificada no Brasil, especialmente na Amazônia, nas áreas do agronegócio, nos terrenos de monocultura, nos lugares onde há mineração, em regiões de especulação imobiliária.

Acontece que a referida encíclica traz um subtítulo que funciona como um sobrenome importante, definidor e sintetizador de todo o seu conteúdo: “Sobre a fraternidade e a amizade social”. Todos os temas extraídos e derivados da *Fratelli Tutti* devem passar pelo crivo do trabalho esforçado de todos de gerar fraternidade e amizade social. É o foco que não pode ficar ofuscado.

1.2. Antecedentes das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações

O que a *Fratelli Tutti* nos ensina sobre comunicação faz-nos levantar o cenário das sete mensagens do papa Francisco para o Dia Mundial das Comunicações, uma em cada ano de seu pontificado. O que nessas mensagens foi dito ecoa nas fortes exigências para o campo da comunicação explicitadas na encíclica.

Na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2014: “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”, o papa aponta uma das finalidades mais importantes da comunicação: servir a uma cultura do encontro, com caráter de autenticidade. Consciente da grandeza da mídia de massa, Francisco diz que ela “pode ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros: a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à

solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna”. E conclui: “Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a sermos mais unidos” (FRANCISCO, 2014).

Isso não quer dizer que o papa tenha uma visão demasiado otimista ou até mesmo ingênua das questões referentes à comunicação. Nessa mesma mensagem, ele cita alguns dos aspectos problemáticos, tais como:

a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento [...]. A variedade de opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e econômicos.

Também ensina: “o ambiente da comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos” (FRANCISCO, 2014). Detendo-se na figura do escriba – considerado um comunicador – que provocou Jesus a contar a parábola do samaritano, Francisco atualiza a pergunta daquela personagem (“E quem é meu próximo?”) da seguinte forma: “Como se manifesta a *proximidade* no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais?” (FRANCISCO, 2014). Na mensagem para o Dia das Comunicações de 2015: “Comunicar a família, ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor”, o papa Francisco, no contexto do Sínodo para a Família, ensina que “a família é o primeiro lugar onde aprendemos a comunicar”. E se estende um pouco mais, lembrando que, “quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio”, porque comunicar é “um diálogo que se tece com a linguagem do corpo” (FRANCISCO, 2015).

“TODOS OS TEMAS EXTRAÍDOS E DERIVADOS DA *FRATELLI TUTTI*
DEVEM PASSAR PELO CRIVO DO TRABALHO ESFORÇADO DE TODOS
DE GERAR FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL”

É muito interessante notar como a mensagem relaciona a família com a comunicação religiosa, quando faz referência às nossas próprias experiências de vida: “a maioria de nós aprendeu, em família, a dimensão religiosa da comunicação, que, no cristianismo, é toda impregnada de amor, o amor de Deus que se dá e que nós oferecemos aos outros” (FRANCISCO, 2015). Novamente, toca na dimensão corporal da comunicação:

na família, é sobretudo a capacidade de se abraçar, apoiar, acompanhar, decifrar olhares e silêncios, rir e chorar juntos, entre pessoas que não se escolheram e, todavia, são tão importantes umas para as outras... é sobretudo esta capacidade que nos faz compreender o que é verdadeiramente a comunicação, enquanto descoberta e construção de proximidade (FRANCISCO, 2015).

Isso, é claro, sem negar a importância dos meios mais modernos de comunicação, considerados irrenunciáveis para todos, sobretudo para os jovens, e que tanto podem dificultar como ajudar a comunicação em família e entre as famílias. Podem dificultar se subtraem à pessoa a escuta, levando-a ao isolamento de si mesma, ainda que fisicamente presente, e também se inviabilizam o silêncio, parte integrante da comunicação (FRANCISCO, 2015).

A mensagem para o Dia das Comunicações de 2016: “Comunicação e misericórdia, um encontro fecundo”, inspirada pelo sensível e indispensável Ano Santo da Misericórdia, a fim de contrapor-se ao abrutalhado e tosco modo de viver hodierno, marcado por tantas expressões

de malquerença no mundo, situou-nos na cena final dos que queriam matar a mulher, pecadora pública, quando foram interrompidos por Jesus, que os colocou no devido lugar ao determinar: “Os que não têm pecado desfiram a primeira pedra”. Ali restaram a mísera e a misericórdia, a mulher e Jesus, nossa miséria humana e o infinito amor misericordioso de Cristo. Extraordinariamente belo.

Naquele ano, o papa revelou seu desejo de que “nosso modo de comunicar e também nosso serviço de pastores na Igreja nunca expressassem o orgulho soberbo do triunfo sobre o inimigo nem humilhassem aqueles que a mentalidade do mundo considera perdedores e descartáveis!” (FRANCISCO, 2016).

Na parte final dessa mensagem, ele explicita algumas das formas de comunicação e, sabiamente, as reconhece, ao mesmo tempo que nos alerta: “os *e-mails*, *sms*, redes sociais, *chats* podem ser formas de comunicação plenamente humanas” (FRANCISCO, 2016), exprimindo o esforço de todos os que fazem comunicação com pretensões humanistas, pois

não é a tecnologia que determina se a comunicação é autêntica ou não, mas o coração do homem e a sua capacidade de fazer com o uso dos meios ao seu dispor [...]. O ambiente digital é uma praça, um lugar de encontro, onde é possível acariciar ou ferir, realizar uma discussão proveitosa ou um linchamento moral (FRANCISCO, 2016).

Na mensagem para o Dia das Comunicações de 2017: “‘Não tenhas medo, que Eu estou contigo’ (Is 43,5) – comunicar esperança e confiança no nosso tempo”, o papa

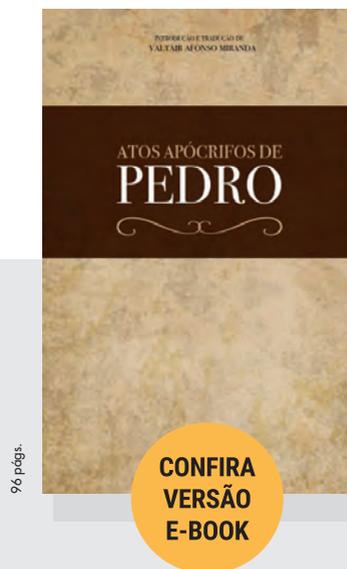
Francisco ajuda as pessoas a fazer o discernimento entre as notícias boas e as ruins, entre as verdadeiras e as falsas, pondo no centro uma certeza: não podemos temer, porque Ele está conosco. O papa recorre a uma analogia já distante, hoje, de muitos: diz que os antigos na fé comparavam a mente humana à mó do moinho movido a água, o qual não pode parar, mas cujo dono, o moleiro, tem possibilidade de decidir se quer moer trigo ou joio. Assim Francisco revela o desejo de essa mensagem ser uma palavra de encorajamento aos que sempre “moem” informações, como os profissionais da comunicação e os que zelam pelas relações pessoais. Dessas informações moídas pode sair um pão perfumado e bom, em proveito de todos os que se alimentam da sua comunicação (FRANCISCO, 2017).

Mais uma vez, como todos os anos, ele reforça o cuidado a ser tomado no campo da comunicação, dessa vez com a analogia dos óculos, ao afirmar que “para nós, cristãos, os óculos adequados para decifrar a realidade só podem ser os da boa notícia: partir da Boa Notícia por excelência, ou seja, o ‘Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus’ (Mc 1,1). [...] A boa notícia é o próprio Jesus” (FRANCISCO, 2017). Por isso são confiáveis as sementes do Reino e a lógica da Páscoa do Senhor, que nos moldam aos poucos e moldam nosso modo de praticar a comunicação.

Na mensagem para o Dia das Comunicações de 2018: “‘A verdade vos tornará livres’ (Jo 8,32) – *fake news* e jornalismo de paz”, o papa Francisco aborda um dos principais problemas da comunicação – na realidade, um problema de caráter dos seus operadores: as *fake news*, que não se encerram num jogo de mentiras, mas, por meio delas, atuam fortemente, com interesses de todo tipo, também políticos, interferindo em eleições, na economia, na moral. As chamadas *fake news* são notícias falsas, bem planejadas, com um objetivo específico, normalmente de grande monta. São uma perversidade,

Atos apócrifos de Pedro

Valtair Afonso Miranda



Essa é uma obra restaurada, pois a versão completa do manuscrito original não é conhecida. A leitura, por si só, já indica ao leitor que o texto não pretende ser um tratado doutrinário, e sim uma novela cristã com fins de edificação. Por meio das aventuras e desventuras do apóstolo Pedro, e de viagens, perigos e confrontos, o autor apresenta o desenvolvimento das comunidades cristãs em função das conversões, o encantamento com o mundo do milagre e o humor curioso de situações inusitadas.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de natureza mimética, que fascina e é tida como plausível, sendo disparada por manipuladores das redes sociais e dos meios de comunicação em grande velocidade e com danos incalculáveis. Nessa mensagem, o papa Francisco afirma que “nenhum de nós se pode eximir da responsabilidade de contrastar essas falsidades. Não é tarefa fácil”, mas necessária, pois se trata de “desmascarar uma lógica que se poderia definir como a lógica da serpente, [...] o mais astuto dos animais (FRANCISCO, 2018).

Finalmente, ele indica o “antídoto mais radical ao vírus da falsidade, que é deixar-se purificar pela verdade”: Jesus, tal qual ele mesmo se apresenta em Jo 14,6: “Eu sou a verdade” (FRANCISCO, 2018). Considere ainda que se equivocam os que buscam combater as notícias falsas só com estratégias, mesmo que bem elaboradas, porque é preciso incluir o antídoto das pessoas, “pessoas que, livres da ambição, estão prontas a ouvir e, através da fadiga dum diálogo sincero, deixam emergir a verdade; pessoas que, atraídas pelo bem, mostram-se responsáveis no uso da linguagem” (FRANCISCO, 2018).

Depois de indicar o antídoto acima, ele se refere, explicitamente, ao jornalismo; dirige-se aos jornalistas e lhes faz o apelo por um “jornalismo de paz [...], que se comprometa na busca das causas reais dos conflitos, para favorecer a compreensão das suas raízes e sua superação através do avivamento dos processos virtuosos” (FRANCISCO, 2018).

Na mensagem para o Dia das Comunicações de 2019: “‘Somos membros uns dos outros’ (Ef 4,25) – das comunidades de redes sociais à comunidade humana”, Francisco desce

à base da constituição da Igreja, a comunidade, para investigar a necessidade de transcender comunidades de redes sociais. O cerne dessa reflexão é que o ser humano não é solitário e não foi feito para a solidão nem para encerrar-se em si mesmo. A rede, diz o papa,

é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis. [...] Mas é necessário reconhecer que se, por um lado, as redes sociais servem para nos conectarmos melhor, fazendo-nos encontrar e ajudar-nos uns aos outros, por outro, prestam-se também a um uso manipulador dos dados pessoais, visando obter vantagens no plano político e econômico, sem o devido respeito pela pessoa e seus direitos. As estatísticas relativas aos mais jovens revelam que um a cada quatro adolescentes está envolvido em episódios de *cyberbullying* (FRANCISCO, 2019).

A metáfora da rede remete à comunidade, se pensarmos antropológicamente. Comunidade tem significado teológico-pastoral paradigmático. A comunidade dos cristãos é formada por aqueles que aderiram à pessoa de Jesus Cristo e, sacramentalmente, selaram essa adesão no batismo. Não obstante, “uma comunidade é tanto mais forte quanto mais for coesa e solidária, animada por sentimentos de confiança” (FRANCISCO, 2019). Isso, como numa rede, não se dá automaticamente. “A rede é uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento, como uma teia de aranha

“FRANCISCO AJUDA AS PESSOAS A FAZER O DISCERNIMENTO ENTRE AS NOTÍCIAS BOAS E AS RUINS, ENTRE AS VERDADEIRAS E AS FALSAS, PONDO NO CENTRO UMA CERTEZA: NÃO PODEMOS TEMER, PORQUE ELE ESTÁ CONOSCO”

capaz de capturar” (FRANCISCO, 2019). Por isso é necessário trazer à mesa da nossa identidade a ideia de que “somos membros uns dos outros” (Ef 4,25), um corpo cujos membros são irmãos. Essa metáfora bíblica, utilizada pelo papa Francisco, está embasada na vivência da comunhão e da alteridade ao mesmo tempo. A cabeça desse corpo é Jesus Cristo, e não há diferença entre o sangue que corre na Cabeça e o que corre nos membros, que somos nós. “A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística” (FRANCISCO, 2019). Somos membros uns dos outros!

Finalmente, na mensagem para o Dia das Comunicações de 2020: “‘Para que possas contar e fixar na memória’ (Ex 10,2) – a vida faz-se história”, um pouco antes de tornar pública a *Fratelli Tutti*, o papa Francisco resgata um aspecto inerente à comunicação – a história –, porque

o homem é um ente narrador de pequenas e longas histórias. [...] Ele não só é o único ser que precisa de vestuário para cobrir a própria vulnerabilidade (Gn 3,21), mas também o único que tem necessidade de narrar-se a si mesmo, ‘revestir-se’ de histórias para guardar a própria vida. Não tecemos apenas roupas, mas também histórias: de fato, servimo-nos da capacidade humana de ‘tecer’, quer para os tecidos, quer para os textos” (FRANCISCO, 2020b).

Ao desenvolver de forma interessante o raciocínio, Francisco não se esquece de dizer que “nem todas as histórias são boas” e que há uma história considerada a “História das histórias”: a própria Sagrada Escritura, em cujo coração está a pessoa de Jesus Cristo. Tal história se expande por ser sempre atual, não meramente uma narrativa passada. É nesse ponto que o papa Francisco diz que a história de Jesus Cristo se renova e também nos renova (FRANCISCO, 2020b).

Caminhos do ecumenismo no Brasil

História - teologia - pastoral

Elias Wolff



440 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro explora o desenvolvimento do ecumenismo nas relações entre igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Ele o faz com detalhamento e sem deixar de lado os aspectos históricos, teológicos e pastorais. A história traçada pela obra mostra que o empreendimento não só vale a pena, como corresponde ao espírito evangélico que anima essas mesmas igrejas, unindo-as num espírito e propósito comuns.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

“O SER HUMANO NÃO
É SOLITÁRIO E NÃO FOI FEITO
PARA A SOLIDÃO NEM PARA
ENCERRAR-SE EM SI MESMO”

1.3. Da ilusão à cultura do encontro

A encíclica *Fratelli Tutti* soma oito capítulos. Destes, a comunicação é abordada em cinco, além de ser mencionada em 16 parágrafos e merecer um dos subtítulos do capítulo I. A comunicação é elemento importante da encíclica.

1º) A comunicação nas sombras de um mundo fechado (números 42–43, 46–47, 49, 52)

No capítulo I, intitulado “As sombras de um mundo fechado”, o papa Francisco trata da comunicação como uma ilusão. Ao fechamento e intolerâncias do mundo correspondem a diminuição das distâncias e até o direito à privacidade. “Na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham. Esvai-se o respeito pelo outro (FRANCISCO, 2020b, n. 42).

No parágrafo seguinte, a *Fratelli Tutti* denuncia o uso da comunicação para alimentar o ódio e também o perigo de criar uma legião de pessoas dependentes, isoladas e esquizofrênicas, por perderem o contato com a realidade como ela é de fato e, ao mesmo tempo, perderem também o desenvolvimento das relações interpessoais, de pessoa a pessoa, sem mediações. É nesse sentido que o papa valoriza os “gestos físicos, expressões do rosto, silêncios, linguagem corpórea e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana”. E conclui:

“A conexão digital não é suficiente para construir pontes, não é capaz de unir a humanidade” (FRANCISCO, 2020b, n. 43).

O papa Francisco aplica um corretivo claro aos meios de comunicação católica – que precisamos levar a sério – quando admite que até neles “é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia”. Faz então uma pergunta incômoda, que precisa ser respondida: “Agindo assim, qual contribuição se dá para a fraternidade que o Pai comum nos propõe?” (FRANCISCO, 2020b, n. 46). Ele ainda ensina que “a verdadeira sabedoria pressupõe o encontro com a realidade”, para que não haja uma espécie de “seleção” de conteúdos e pessoas, baseada simplesmente nos gostos pessoais. É muito forte quando a *Fratelli Tutti*, cujo nome é um programa de vida, afirma que “as pessoas ou situações que feriam nossa sensibilidade ou nos causavam aversão hoje são simplesmente eliminadas nas redes virtuais, construindo um círculo virtual que nos isola do mundo em que vivemos” (FRANCISCO, 2020b, n. 47).

Atenção, porém, porque a *Fratelli Tutti* não pretende nivelar a condição de cada realidade e cada pessoa, como se tudo e todos – independentemente do bem ou do mal que praticam – formassem, sem de fato serem, uma unidade. Essa é a única encíclica que esclarece, de forma magistral, sobre o “amor aos inimigos” ensinado por Jesus. É bom que memorizemos esta citação (FRANCISCO, 2020b, n. 241):

Não se trata de propor um perdão renunciando aos próprios direitos perante um poderoso corrupto, um criminoso ou alguém que degrada a nossa dignidade. Somos chamados a amar a todos, sem exceção, mas amar um opressor não significa consentir que continue a ser tal; nem levá-lo a pensar que é aceitável o que faz. Pelo contrário, amá-lo corretamente é procurar, de várias maneiras, que deixe de oprimir, tirar-lhe o

poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano. Perdoar não significa permitir que continuem a espezinhar a própria dignidade e a do outro, ou deixar que um criminoso continue a fazer mal. Quem sofre injustiça tem de defender vigorosamente os seus direitos e os da sua família, precisamente porque deve guardar a dignidade que lhes foi dada, uma dignidade que Deus ama. Se um delinquente cometeu um delito contra mim ou contra um ente querido, ninguém me proíbe de exigir justiça e me acautelar para que essa pessoa – ou qualquer outra – não volte a lesar-me nem cause a outros o mesmo dano. Compete-me fazê-lo, e o perdão não só não anula esta necessidade, mas reclama-a.

Nessa mesma perspectiva, a comunicação é alertada gravemente para que não faça desaparecer o silêncio e a escuta por meio de cliques e mensagens rápidas e ansiosas, a fim de que a estrutura básica de uma comunicação humana sábia não seja posta em risco; tampouco se permita a tendência de uniformização do mundo, por trás da qual se revelam interesses de poder, que aproveitam a baixa autoestima das pessoas e colocam os meios de comunicação e redes a serviço dos mais poderosos (FRANCISCO, 2020b, n. 49 e 52).

2º) A comunicação para pensar e gerar um mundo aberto (número 114)

Quando deparamos com o objetivo geral da *Fratelli Tutti*, bem sintetizado no título do seu capítulo III, “Pensar e gerar um mundo aberto”, encontramos aí a tarefa da comunicação (FRANCISCO, 2020b, n. 114), numa feliz identificação com a tarefa das pessoas revestidas de responsabilidades no campo da educação e da formação: as famílias, como lugar de vivência e transmissão de valores, destacadamente os da solidariedade e do cuidado, pela ajuda mútua, e o da fé; a escola,

por meio dos educadores e formadores, cuja delicada tarefa de educar crianças, adolescentes e jovens exige uma visão complexiva, porque deve articular as dimensões moral, espiritual e social da pessoa, numa perspectiva de educação integral.

Nesse ponto sensível, a *Fratelli Tutti* inclui sabiamente a comunicação, porque a ela são conferidas responsabilidades no campo da educação e da formação na sociedade contemporânea, na qual se difunde, cada vez mais, o acesso a instrumentos de informação e comunicação.

3º) A comunicação no contexto da melhor política (número 156)

No capítulo V, “A melhor política”, a comunicação é mencionada logo no início (FRANCISCO, 2020b, n. 156), para constatar que os termos “populismo” e “populista” invadiram os meios de comunicação e também a linguagem de um modo geral.

Trata-se de um capítulo forte e belo, porque os limites dos modelos populistas e liberais são mapeados, para gerar a consciência de que o caminho da política é outro e passa não só pela possibilidade de um “poder internacional”, capaz de pensar e atuar conjuntamente na superação dos males presentes na humanidade, mas também pelos caminhos da “caridade social e política”, ou seja, por aquele caminho que o papa chama de “amor político, que integra e reúne”. Na implementação desses caminhos, a comunicação, por sua natureza, tem tarefa importante.

4º) A comunicação no diálogo e amizade social (números 199, 200, 201, 204, 208)

O capítulo VI reserva seis números para inserir a comunicação no “Diálogo e amizade social”, como é intitulado. Esse é um capítulo propositivo, afirmativo e assertivo, porque o diálogo e a amizade social expressam a ambiência da comunidade humana, em que todos precisamos nos reconhecer como irmãos.

“A MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO PODE SER COMO UM RISCAR O FÓSFORO NO ESTOPIM DA GUERRA OU O APERTAR O BOTÃO VERMELHO DA ARMA NUCLEAR”

O diálogo é elemento crucial para a configuração dos países, cujo crescimento se dá “quando dialogam, de modo construtivo, suas diversas riquezas culturais: a cultura popular, a cultura universitária, a cultura juvenil, a cultura artística e tecnológica, a cultura econômica e familiar, e a cultura dos meios de comunicação” (FRANCISCO, 2020b, n. 199-200). No n. 200, a *Fratelli Tutti* chama a atenção para a confusão existente entre o que é diálogo e o que são opiniões publicadas em redes sociais, muitas vezes apoiadas em informações de uma mídia nem sempre confiável, marcada por interesses bem definidos. A hiperdifusão de fatos e informações duvidosas nas mídias de comunicação pode obstruir os canais para o diálogo.

O papa Francisco tem defendido, constantemente, para efeito de reflexão filosófica e também de orientação teológico-pastoral, que o todo é maior do que a parte, que o todo não é simples soma de cada uma das partes. Isso fica claro também quando ele se manifesta, como o fez na *Fratelli Tutti*, a favor da interdisciplinaridade a ser aplicada à comunicação – “uma vez que a realidade é uma só, embora possa ser abordada sob distintas perspectivas e com diferentes metodologias” (FRANCISCO, 2020b, n. 204) – para facilitar a busca da verdade, que não se esgota na comunicação dos fatos pelo jornalismo (FRANCISCO, 2020b, n. 208), e a construção comum da amizade social, marcada pela recuperação do prazer de reconhecer o outro e da amabilidade, como uma libertação da crueldade e da ansiedade (FRANCISCO, 2020b, n. 223).

5º) A comunicação nos caminhos de um novo encontro (números 258 e 266)

Já no sétimo e penúltimo capítulo, “Caminhos de um novo encontro”, seguem dois números derradeiros sobre informação e comunicação: o n. 258, em que, com gravidade, se afirma que “facilmente se opta pela guerra, valendo-se de todo tipo de desculpas aparentemente humanitárias, defensivas ou preventivas, recorrendo-se inclusive à manipulação de informação”. A manipulação de informação pode ser como um riscar o fósforo no estopim da guerra ou o apertar o botão vermelho da arma nuclear. Indo à raiz, mediante a constatação de que à guerra foi conferido um poder destrutível incontrolável, afirma que “hoje é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos em outros séculos para falar de uma possível ‘guerra justa’. Nunca mais a guerra!” (FRANCISCO, 2020b, n. 258). Manipulação de informação deveria receber, igualmente, o imperativo “nunca mais”. Outra área de sensibilidade máxima diz respeito à pena de morte. A justiça punitiva, que tem os aplausos populistas e a sarcástica alegria dos autoritários, está prevista em todo o globo, mas a justiça restaurativa, que preconiza a recuperação da pessoa, é uma missão a ser cumprida, uma meta a ser alcançada, porque

os medos e os rancores levam facilmente a entender as penas de maneira vingativa, se não cruel, em vez de as considerar como parte de um processo de cura e reinserção na sociedade. Hoje, tanto por parte de alguns setores da política como de certos meios de comunicação, por vezes incita-se à violência e à vingança, pública e privada [...] (FRANCISCO, 2020b, n. 266).

O papa Francisco, em discurso a uma delegação da Associação Internacional de Direito Penal (23/10/2014, citado na *Fratelli Tutti*), defende a exclusão da pena de morte e também da prisão perpétua, que é uma pena de morte escondida.

CONCLUSÃO: COMUNICAÇÃO, PARA A FRATELLI TUTTI

Deixei por último, pela beleza do texto e pelo seu caráter conclusivo, a citação completa do n. 205, no qual a *Fratelli Tutti*, no capítulo “Diálogo e amizade social” – condição *sine qua non* para que todos sejam irmãos –, registra a missão da comunicação:

Neste mundo globalizado, os meios de comunicação podem ajudar a sentir-nos mais próximos uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias, em que as redes de comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isso é uma coisa boa, é um dom de Deus. Mas é necessário verificar, continuamente, que as formas de comunicação atuais nos orientem efetivamente para o encontro generoso, a busca sincera da verdade íntegra, o serviço, a proximidade com os últimos e o compromisso de construir o bem comum. Ao mesmo tempo [...], não podemos aceitar um mundo digital projetado para explorar as nossas fraquezas e trazer à tona o pior das pessoas (FRANCISCO, 2020, n. 205).

A comunicação é dom e missão. É vocação e tarefa. É instrumento e estratégia. É partícipe da construção de nova forma de viver no mundo e de um novo mundo possível, onde todos sejam irmãos e irmãs. Eis o convite do papa Francisco a nós dirigido por meio da *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: CNBB, 2020.

_____. *Discurso aos jovens no Encontro Economia de Francisco* (21 nov. 2020). Disponível em: <<https://youtu.be/P25WDDIH8IE>>. Acesso em: 7 dez. 2020a.

_____. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 48º Dia Mundial das Comunicações: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro. *Vatican News*, 1 jun. 2014.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 49º Dia Mundial das Comunicações: Comunicar a família: ambiente privilegiado do encontro na gratuidade do amor. *Vatican News*, 17 maio 2015.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações: Comunicação e misericórdia: um encontro fecundo. *Vatican News*, 8 maio 2016.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 51º Dia Mundial das Comunicações: “Não tenhas medo, que Eu estou contigo” (Is 43,5). Comunicar esperança e confiança no nosso tempo. *Vatican News*, 28 maio 2017.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 52º Dia Mundial das Comunicações: “A verdade vos tornará livres” (Jo 8,32). Fake news e jornalismo da paz. *Vatican News*, 13 maio 2018.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 53º Dia Mundial das Comunicações: “Somos membros uns dos outros” (Ef 4,25). Das comunidades de redes sociais à comunidade humana. *Vatican News*, 2 jun. 2019.

_____. Mensagem do Santo Padre Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações: “Para que possas contar e fixar na memória” (Ex 10,2). A vida faz-se história. *Vatican News*, 24 maio 2020b.



*Pe. Claudiano Avelino dos Santos, superior provincial dos Padres e Irmãos Paulinos, doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: claudiano@paulus.com.br

SOLIDARIEDADE:

considerações à luz da encíclica *Fratelli Tutti*, do papa Francisco

**“Tudo já foi dito uma vez, mas,
como ninguém escuta, é preciso dizer de novo”**

(André Gide)

O artigo destaca elementos da encíclica Fratelli Tutti, tendo por base algumas perguntas: Por que o papa se dedica ao tema da política? O que fazer para que a amizade social e a fraternidade universal não se restrinjam ao mundo das boas ideias, mas tenham incidência em nossas comunidades? A configuração com Jesus Cristo é indicada como essencial para iniciar o caminho da fraternidade universal, ou seja, de uma política diferente.

A encíclica *Fratelli Tutti* (“Todos irmãos”), publicada no dia de São Francisco de Assis do ano de 2020, foi um presente que o papa ofereceu não só à Igreja, mas também ao mundo. É um texto propositivo, que reúne reflexões a respeito da amizade e da fraternidade Social (FT 5) e faz aflorar à superfície do cotidiano a profundidade da Doutrina Social da Igreja, cuja base é o Evangelho, a prática de Jesus Cristo.

1. É preciso insistir na política

Compartilho uma reflexão baseada principalmente nos cinco primeiros capítulos da encíclica, destacando a necessidade da *educação para a solidariedade*:

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar

a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir diante das próprias injustiças, das aberrações, dos abusos dos poderes econômicos, tecnológicos, políticos e midiáticos (FT 167).

Esse trecho integra o capítulo quinto da *Fratelli Tutti*, no qual o papa reflete acerca da política. Como “política” é uma daquelas palavras desgastadas, desacreditadas, o santo padre deixa bem claro de que tipo de política está falando: da melhor política, aquela que está verdadeiramente a serviço do bem comum (FT 154). Já não é de agora que, olhando o mundo político que nos circunda, muitos de nós sentem aversão,

“O MAU USO QUE BOA PARTE DOS LÍDERES POLÍTICOS FAZEM DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NÃO DEVE SER MOTIVO PARA DESISTIR DA BUSCA PELO BEM COMUM”

repulsa, desinteresse, pois são inúmeras as denúncias de corrupção contra políticos, não importando o partido ou se é de esquerda ou de direita. Não obstante, o mau uso de qualquer coisa não significa que essa coisa, em si mesma, seja má. O mau uso que boa parte dos líderes políticos fazem da administração pública não deve ser motivo para desistir da busca pelo bem comum. É o que o papa Francisco nos ensina, ao dedicar um capítulo inteiro à política, a fim de lembrar a importância do tema para todos, especialmente para as pessoas de fé.

Por que o papa se preocupa com a educação para a solidariedade? E por que se dedica ao tema da política? A resposta poderia ser dada de maneira rápida: porque a política é um ato de caridade.

Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio e isso é caridade primorosa; mas se o político lhe constrói uma ponte, isso também é caridade. É caridade se alguém ajuda uma pessoa fornecendo-lhe comida, mas se o político lhe cria um emprego, exerce uma forma sublime de caridade, que enobrece a ação política (FT 186).

2. O bom samaritano: modelo de cidadania e fraternidade universal

Para chegar a tratar de política e de solidariedade, Francisco, no primeiro capítulo da encíclica, descreve a situação do mundo atual com muita preocupação, pois tem a impressão de que a humanidade não está melhorando, como seria de esperar. Com tom profético de chamada de atenção, fala das tendências atuais que atrapalham o desenvolvimento da fraternidade universal, pontuando que “a história dá sinais de regressão.

Reacendem-se conflitos anacrônicos, que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (FT 11). A lista de sombras do nosso tempo é mesmo assustadora: ausência de consciência histórica, falta de projeto para todos, direitos humanos restritos, globalização sem rumo, ilusão de comunicação, informação sem sabedoria... Em um mundo assim, “[...] esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos [...]” (FT 30). Ou seja, vivemos um clima de cada um por si e todos contra todos.

Francisco observa o cenário mundial e procura encontrar caminhos alicerçados na fé cristã, os quais podem ser de proveito a todas as pessoas. “Deus continua a espalhar sementes de bem na humanidade” (FT 54). Essa certeza abre espaço para a caridade efetiva, da qual o bom samaritano (Lc 10,23-57) é exemplo contundente, capaz de interpe-lar qualquer pessoa, independentemente das convicções religiosas (FT 56).

De fato, essa parábola, sobre a qual o papa se debruça no segundo capítulo da encíclica, mostra, de maneira clara, como “amar o outro e cuidar dele” (FT 59), não importando de onde ele venha (FT 62). Infelizmente, contudo, a tendência da sociedade atual vai na direção oposta da atitude de amor e cuidado do bom samaritano: “[...] como estamos todos muito concentrados em nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos problemas alheios [...]” (FT 65).

Somos educados para fazer sucesso, empreender, o que em si mesmo não é um

mal. O problema é que a educação para a realização pessoal, em geral, não ajuda a olhar para a outra pessoa como um irmão, mas sim, muitas vezes, como um empecilho, um concorrente e, na melhor das hipóteses, como alguém de quem se pode tirar algum benefício.

Qual é a saída? O papa sabe, todos sabemos, que não é fácil encontrá-la. Por isso, o bom samaritano, personagem da parábola contada por Jesus, é tomado como ponto de partida para uma reflexão cujo objetivo é levar a ressurgir a vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores de novo vínculo social, no qual viver indiferente à dor do outro não é opção (FT 66; 68).

O sonho do papa de amizade social, de fraternidade universal, seguindo o Evangelho, visa ao mundo inteiro, à sociedade. Entretanto, é um engano pensar que a transformação social se dá sem mudança pessoal. Por isso, Francisco apresenta os personagens da parábola de modo a levar o leitor a um exame de consciência: diante do outro que está ferido, identificamo-nos com aqueles que passam adiante ou com quem cuida? (FT 70).

É chocante constatar que são justamente o sacerdote e o levita – ou seja, pessoas ligadas ao serviço religioso – os que não se importam com a pessoa ferida à beira do caminho. Do ponto de vista de sua religião, eles parecem corretos, pois, se tocassem em um cadáver, ficariam impuros e não poderiam cumprir seu ofício. Entretanto, a parábola chama a atenção para o fato de que, mesmo que as práticas religiosas sejam importantes, elas não podem se desvincular do cuidado do outro, especialmente de quem está ferido. Viver a fé como amor ao próximo, por amor a Deus, é exigente.

Quando a religiosidade segue a mesma lógica da busca de prosperidade a qualquer custo, as pessoas feridas, nas diversas situações de periferia, são vistas como exemplo de

fracasso e gente a ser evitada. A fé em Deus, que é Pai, criador de todos, não nos autoriza tais atitudes individualistas, de quem pensa no sucesso individual sem levar em conta o outro. Nesse sentido, diz o papa, é escandaloso que, em nome da religião, pessoas se sintam autorizadas a atitudes de xenofobia, desprezo e maus-tratos para com quem é diferente (FT 86).

3. A hospitalidade: acolher a vida indefesa e espoliada

Tendo apresentado a parábola do bom samaritano como iluminação para as situações sombrias de nosso tempo, Francisco, no capítulo terceiro, reflete sobre as possibilidades de pensar e gerar um mundo aberto, no qual as pessoas ou povos não estejam fechados sobre os próprios interesses, encerrados nas próprias fronteiras, sem se importarem com a situação do outro. O ponto de partida para a busca desse mundo é o fato de que o ser humano só se realiza se doando aos outros, ou seja, amando, relacionando-se (FT 87).

Como expressão concreta de amor que não se deixa cair na armadilha do egoísmo autorreferencial, o papa apresenta a hospitalidade (FT 90), praticada, entre outros, pelos mosteiros. De fato, a *Regra de São Bento* manda que os enfermos, as crianças, os hóspedes e os pobres sejam tratados com toda solicitude, pois Deus pedirá conta do cuidado dispensado a esses necessitados. O peregrino que pede hospedagem, na verdade, deveria ser tratado como o próprio Cristo (*Regra de São Bento*, cap. 51-53). Esse exemplo é bastante eloquente, pois, como sabemos, a vida religiosa contemplativa tem máximo apreço pela oração, pela meditação, por certa rotina de estudo e silêncio. Não obstante, cuidar de alguém que bate à porta da comunidade religiosa não é visto como algo contrário à contemplação, mas ocasião de pôr em prática o que se reza, o que se celebra, o que se estuda.

O amor fraterno, vivenciado em comunidade, em uma sociedade local, é a base da fraternidade que se estende a todos. O amor amplo, expansivo, é a base da “amizade social”, que, a partir de uma sociedade concreta, abre-se a todos (FT 100). A busca do papa baseia-se na superação das relações interesseiras, nas quais se procura ter “sócios”, e não fazer “irmãos” (FT 103-105). Ter sócio ou fazer parte de uma sociedade não é pecado. Entretanto, o Evangelho de Jesus nos impele a ampliar, o máximo possível, um modo de relacionamento não fundado no interesse. Na ótica de Jesus Cristo, é legítimo desfazer uma sociedade, ou seja, por razões práticas alguém deixar de ser sócio de outra pessoa, mas jamais o outro deve deixar de ser considerado irmão simplesmente porque não atende aos meus interesses ou porque não pensa como eu.

Para que se caminhe rumo à amizade social e à fraternidade universal, é imprescindível reconhecer o valor do ser humano, que merece respeito e dignidade pelo simples fato de existir, em qualquer circunstância (FT 106-108). A dignidade inegociável do ser humano não pode se sujeitar aos critérios de liberdade de mercado e eficiência (FT 109-110). Os direitos inalienáveis da pessoa humana não podem ser confundidos com direitos individualistas, cada vez mais reivindicados, sem levar em conta o bem maior, o amadurecimento integral humano, baseado na benevolência, isto é, no “querer bem” ao outro (FT 112-113).

Direitos individualistas, requisitados como humanos, estão na base de tantas atitudes mesquinhas – por exemplo, de quem quer tirar os pobres das ruas a qualquer custo, como medida de “higiene” e como se as pessoas humanas pudessem ser consideradas lixo, ou de quem defende como direito o aborto, sem considerar a vida em desenvolvimento. Quanto vale uma vida de poucos dias no ventre da mãe? Quanto vale a vida

de uma pessoa caída na calçada por fome ou mesmo por embriaguez? Aos olhos de Deus, são infinitamente valiosas. Disso é preciso tirar consequências práticas, que incomodam quem põe o bem-estar individual como lei absoluta.

O Evangelho nos ensina que é preciso pensar e agir em termos de comunidade, priorizando a vida de todos acima da apropriação dos bens por parte de alguns (FT 114-116). Nesse sentido, a Doutrina Social da Igreja reconhece a importância da propriedade privada, como garantia da ordem social e incentivo à produção, desejando que o máximo de pessoas sejam proprietárias. Entretanto, não se trata de um valor absoluto e intocável, pois está subordinado ao direito de uso comum dos bens criados por Deus.

Segundo o papa, é preciso retornar ao tema da função social da propriedade, uma vez que o uso dos bens criados deve ordenar-se para a realização integral de todas as pessoas (FT 118-120), independentemente de onde tenham nascido (FT 121). O papa reconhece que esse modo de pensar, essa lógica, só faz sentido tendo por base a dignidade que a pessoa humana possui pelo simples fato de existir (FT 127).

Depois de propor o ideal de que todos são irmãos e irmãs pelo simples fato de serem humanos, para que tal se concretize, no quarto capítulo o papa Francisco discorre a respeito de “desafios que nos fazem mover, nos obrigam a assumir novas perspectivas e produzir novas reações” (FT 128). Destaca-se, em primeiro lugar, o desafio das fronteiras e o problema da migração, que deveria ser enfrentado com a ampliação do conceito de cidadania, baseando-o na igualdade dos direitos e deveres, sem se prestar a usos discriminatórios (FT 129-132). Os migrantes precisam ser acolhidos como dom, pois podem contribuir com os valores de sua cultura, ao mesmo tempo que acolhem os valores da cultura que os recebe (FT 133-136).

“A DIGNIDADE INEGOCIÁVEL DO SER HUMANO NÃO PODE SE SUJEITAR AOS CRITÉRIOS DE LIBERDADE DE MERCADO E EFICIÊNCIA”

Para que haja desenvolvimento solidário de todos os povos, o papa pede um ordenamento jurídico, político e econômico mundial, de modo que todos possam se beneficiar do progresso de cada povo (FT 138). Embora reconheça o valor da colaboração mútua, ele adverte contra o risco do utilitarismo, que leva nações a só desejar receber pessoas cuja presença redunde em benefícios imediatos, como cientistas e investidores (FT 139-140). O remédio contra esse mal é a gratuidade, e Francisco profetiza: “Só poderá ter futuro uma cultura sociopolítica que inclua o acolhimento gratuito” (FT 141).

A abertura para a fraternidade universal, lembra Francisco, não se faz negando as realidades locais. Pelo contrário, para que o diálogo com o outro seja autêntico, é importante estar ancorado na própria cultura (FT 143-145), sem o exagero do narcisismo bairrista, consciente de que

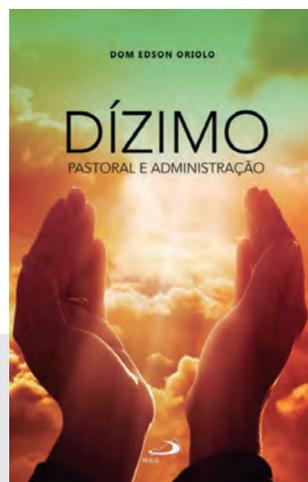
[...] sem o relacionamento e o confronto com quem é diferente, torna-se difícil ter um conhecimento claro e completo de si mesmo e de sua terra, uma vez que as outras culturas não constituem inimigos de quem seja preciso defender-se, mas reflexos distintos da riqueza inexaurível da vida humana [...] (FT 147).

Para chegar à desejada fraternidade universal, o papa realça a importância do intercâmbio entre os países de uma mesma região, tomando como paradigma o clima de ajuda mútua existente em bairros populares (FT 151-153).

Dízimo

Pastoral e administração

Dom Edson Oriolo



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra trata da organização da Pastoral do Dízimo, a fim de desfazer equívocos e elucidar conceitos sobre recebimento e administração dos recursos. Os temas abordados são: a noção do cuidado; o sentido eclesial do dízimo; o cuidado da evangelização, das celebrações e dos pobres; a relação da comunidade eclesial missionária com o dinheiro; o planejamento orçamentário de dioceses, paróquias e comunidades eclesiais missionárias; os administradores da Pastoral do Dízimo.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

“O AMOR QUE FLORESCE OU FRUTIFICA DESDOBRA-SE EM ATOS DE CUIDADO, DE SOLIDARIEDADE, DE INTERESSE POR COMPREENDER O OUTRO, TENDO COMO MARCA A GRATUIDADE”

Francisco apresenta o ideal da fraternidade universal, segundo a qual todos os seres humanos são irmãos e possuem dignidade simplesmente pelo fato de existirem. Essa dignidade é mais importante que a origem, a crença, a posse de riquezas... Entretanto, o mundo atual parece dar passos na direção contrária: ressurgimento e cultivo de toda espécie de ódio, a justa luta pelos direitos humanos sendo substituída pela busca de garantia de privilégios egoístas e assim por diante. Como fazer que se diminua a distância entre um ideal tão bonito e um cenário tão assustador? A política, inevitavelmente, aparece como instrumento de organização, de engajamento das pessoas no empenho da amizade social e da fraternidade universal.

4. A política como amor

Para que a fraternidade entre povos e nações se concretize, é preciso haver uma política a serviço do verdadeiro bem comum. Esse é o tema do capítulo quinto, intitulado “A melhor política”. Colocar o adjetivo “melhor” ao lado do substantivo “política” faz-se necessário, pois não é de agora que, no linguajar comum, política se tornou sinônimo de muita coisa que vai no sentido contrário de seu sentido primeiro, confundindo-se, por exemplo, com a capacidade de manipular as pessoas em função de interesses particulares.

Por isso que, antes de falar propriamente da melhor política, o papa, sob os nomes de “populismos” e “liberalismos”, agrupa os desvirtuamentos da política, que impedem o que ele chama de “mundo diferente” (FT 154). O populismo é a degradação da noção de *povo*, que é benéfica, pois congrega, dá identidade, noção de pertença, e faz de

um agrupamento humano mais do que a soma dos seus indivíduos (FT 156-158). O populismo se dá quando a cultura do povo é instrumentalizada, política ou economicamente, por um líder que não visa conseguir que a organização da sociedade assegure trabalho a todos, ou seja, que a cada pessoa se garanta uma maneira de contribuir com as próprias capacidades e o próprio esforço (FT 159-162).

Após insistir na necessidade de não dissociar a dignidade pessoal de vínculos comunitários, o papa aponta os limites das visões liberais individualistas, que enfatizam as liberdades individuais sem se preocupar com a situação dos mais frágeis da sociedade. A polarização entre povo e indivíduo, entre público e privado, promovida por esse tipo de visão é desnecessária, pois “o amor ao próximo realista [...] nada desperdiça do necessário a uma transformação da história que beneficie os últimos” (FT 165).

Não há dúvida de que a política requiera inteligência, capacidade de planejamento, agilidade, senso de oportunidade e tantas outras características ligadas à organização. Sem isso, a caridade pode ficar apenas no campo dos ideais que nunca se concretizam. A frieza técnica, porém, não dá conta de tudo. Por isso, para fazer a melhor política, desejada pelo papa, é preciso ter, tanto por pressuposto como por finalidade, o amor incondicional ao ser humano em virtude da dignidade que possui pelo simples fato de existir.

É preciso subordinar toda a técnica política à dignidade humana, o que não se alcança de modo espontâneo, mas requer muito esforço. O primeiro esforço a ser feito é o da conversão do coração. O papa apela à necessidade da conversão do coração,

evocando um termo clássico para a teologia cristã, a concupiscência, “inclinação do ser humano a fechar-se na imanência do próprio eu, do seu grupo, dos seus interesses mesquinhos” (FT 166), que marca o homem e a mulher desde sempre.

À luz dessa observação do papa, fica claro que, para chegar, o máximo possível, mais próximo da amizade social e da fraternidade universal, não bastam decretos ou projetos estruturais. A transformação de cada pessoa – que precisa se observar, fazer exame constante de seus atos – é fundamental. Assim, uma lei não trará para uma nação e para o mundo mais fraternidade se cada pessoa não se puser em perspectiva amorosa e fraterna desde os pequenos gestos. As reivindicações políticas pelas grandes causas precisam estar em consonância com os pequenos gestos.

5. A educação para hábitos solidários

O amor político é exigente, como também o é o amor por uma pessoa ou pela família. Há no coração humano a inclinação para o amor, mas no mesmo coração surgem tantas outras tendências. É preciso identificá-la e, de forma semelhante ao que se faz com uma planta benéfica numa horta ou num jardim, cultivá-la para que cresça, floresça, frutifique. O amor que floresce ou frutifica desdobra-se em atos de cuidado, de solidariedade, de interesse por compreender o outro, tendo como marca a gratuidade. Essas palavras não deixam de passar certo ar de ingenuidade, de utopia inalcançável, pois os discursos e, sobretudo, as atitudes mais comuns são aquelas devotadas ao individualismo.

O papa Francisco parece estar conclamando os católicos e todas as pessoas de boa vontade a movimentar-se na contramão da sociedade, que põe a produtividade como critério de tudo, também para qualificar a pessoa. Em poucas palavras, educa-se para o mercado, e não para a solidariedade. O mercado tende a se movimentar apenas baseado

nos interesses de satisfação das necessidades das pessoas mais abastadas. No modo mercadológico de pensar e agir, ficam de fora atitudes como gratuidade e solidariedade com os mais fracos, os pobres, os da periferia. Outro modo de fazer as coisas precisa ser experimentado, com ousadia. Outro caminho precisa ser trilhado.

O papa quer, com sua encíclica, fazer renascer novo sonho de fraternidade e amizade social, mas quer que a resposta a isso não sejam apenas palavras (cf. n. 6). Entre as indicações que deixou, uma deve tocar, de modo contundente, nossa atividade pastoral: “[...] é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos” (FT 86).

Fica, agora, às lideranças católicas a tarefa de serem os primeiros a concretizar a palavra do papa e, em todas as atividades, dos planos de pastoral às pregações, motivar atitudes de fraternidade, de acolhida, de amizade social. Não nos iludamos, porém: sem configuração com Jesus Cristo, sem espiritualidade profunda, sem a força que brota da oração, sobretudo da Eucaristia, não conseguiremos fazer uma política diferente da que está aí. Só conseguiremos, na melhor das hipóteses, sociedade, jamais fraternidade. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SÃO BENTO. *Regra do glorioso patriarca São Bento*. Disponível em: <www.movimentopax.org.br/saoBento/Regra%20de%20Sao%20Bento.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020.



A LITURGIA DA PALAVRA NAS CATEQUESES DO PAPA FRANCISCO

A liturgia da Palavra é parte essencial na celebração de todos os sacramentos da Igreja, sobretudo na celebração eucarística. Seu sentido predominante é o do diálogo que se estabelece entre Deus e seu povo. Deus fala ao povo pela Palavra proclamada, e o povo, por sua vez, responde a Deus pelo canto e pela oração. Nas catequeses sobre a celebração eucarística, o papa Francisco nos ajuda, pela ritualidade, a entender a dinâmica de cada um de seus ritos.

*Pe. Luciano da Costa Massullo é presbítero da arquidiocese de Porto Alegre-RS. Formado em Teologia pela PUCRS e mestre em Liturgia pelo Instituto de Liturgia de Barcelona, atualmente é professor de Liturgia e Sacramentos na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana em Porto Alegre. E-mail: pemassullo@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O papa Francisco, no dia 8 de dezembro de 2017, deu início a uma série de catequeses sobre a celebração eucarística. Foram 15 quartas-feiras dedicadas à reflexão sobre o sentido dos principais ritos da missa. Em uma linguagem simples e direta, Francisco nos recordou a importância da missa na vida dos discípulos de Jesus.

Como o próprio papa nos diz, a finalidade dessa série de catequeses é fazer que crescamos no grande dom que Deus nos concedeu na Eucaristia. Se a celebração eucarística, às vezes, parece um amontoado de ritos tediosos, certamente parte dessa impressão se dá pela falta de compreensão do sentido de cada um dos pequenos ritos que a constituem. É fundamental compreender bem o valor e o significado da missa, a fim de viver cada vez mais plenamente nossa relação com Deus.

A proposta apresentada pelo papa, ao longo dessas catequeses, é responder a perguntas simples, como: Qual o objetivo da proclamação da Palavra de Deus? Qual o sentido das palavras pronunciadas na homilia? No intuito de contribuir para a adequada formação litúrgico-pastoral, proponho aqui uma apresentação das catequeses do papa Francisco no que diz respeito à liturgia da Palavra.

1. A PALAVRA DE DEUS

Juntamente com a liturgia eucarística, a liturgia da Palavra constitui o centro da celebração. O documento conciliar *Dei Verbum* recorda que a Igreja sempre venerou a Sagrada Escritura da mesma forma como venera o próprio Corpo de Cristo e, na liturgia, entrega aos fiéis o Pão da Vida, tanto da mesa da Palavra como da mesa da Eucaristia (DV 21).

“Depois de termos refletido sobre os ritos de introdução, consideremos agora a liturgia da Palavra, que é uma parte constitutiva porque nos

reunimos precisamente para ouvir aquilo que Deus fez e ainda tenciona realizar por nós” (PAPA FRANCISCO, Audiência Geral – AG –, 31 de janeiro de 2018).

Conforme o relato dos Atos dos Apóstolos sobre as primeiras comunidades cristãs, era costume, nas reuniões, fazer memória das palavras e gestos de Jesus (At 2,41s). Passados 2 mil anos, a Igreja continua reunindo-se para ouvir o Senhor e compreender seus ensinamentos, com a ajuda do Espírito Santo. Deus continua falando-nos hoje, de modo especial, quando sua Palavra é proclamada na liturgia. Dessa forma, compreendemos que o anúncio da Palavra de Deus é parte integrante da celebração do mistério de Cristo e não deve ser omitido em nenhuma celebração litúrgica (PAPA BENTO XVI, VD 52). A liturgia tem sua fonte na Sagrada Escritura, dela se alimenta sempre, pois dela tudo adquire, de modo que a celebração litúrgica encontra seu sentido pleno somente se for iluminada pela Palavra de Deus!

“Cada um de nós, quando vai à missa, tem o direito de receber abundantemente a Palavra de Deus bem lida, bem proclamada e, depois, bem explicada na homilia. É um direito! E quando a Palavra de Deus não é bem lida, não é pregada com fervor pelo diácono, pelo sacerdote ou pelo bispo, não se cumpre um direito dos fiéis. Nós temos o direito de ouvir a Palavra de Deus. O Senhor fala para todos, pastores e fiéis. Ele bate à porta do coração de quantos participam na missa, cada um na sua condição de vida, idade, situação. O Senhor consola, chama, suscita rebentos de vida nova e reconciliada. E isso por meio da sua Palavra. A sua Palavra bate ao coração e muda os corações! (PAPA FRANCISCO, AG, 14 de fevereiro de 2018).

O documento conciliar *Sacrosanctum Concilium*, ao falar da presença de Cristo na liturgia, lembra que ele está presente em sua Palavra, pois, quando se leem as Sagradas Escrituras, é ele mesmo que fala (CNBB,



“O SENTIDO PREDOMINANTE EM TODA A LITURGIA DA PALAVRA É O DIÁLOGO QUE SE ESTABELECE ENTRE DEUS E SEU POVO”

IGMR, n. 7). Assim, o leitor, o salmista e aquele que proclama o Evangelho agem como ministros. Cristo fala por eles. Sua voz, expressão, entonação, olhar e todo o seu ser estarão a serviço da comunicação entre Deus e os seus.

“As páginas da Bíblia deixam de ser um escrito para se tornar Palavra viva, pronunciada por Deus. É Deus quem, através da pessoa que lê, nos fala e nos interpela, a nós que ouvimos com fé. O Espírito ‘que falou por meio dos profetas’ (Credo), inspirando os autores sagrados, faz com que ‘a Palavra de Deus atue realmente nos corações aquilo que faz ressoar aos ouvidos’. [...] Às vezes, talvez, não entendemos bem por que algumas leituras são um pouco difíceis. Mas Deus fala-nos igualmente de outro modo. [É preciso estar] em silêncio e ouvir a Palavra de Deus. Não vos esqueçais disso. Na missa, quando começam as leituras, ouçamos a Palavra de Deus” (PAPA FRANCISCO, AG, 31 de janeiro de 2018).

O sentido predominante em toda a liturgia da Palavra é o diálogo que se estabelece entre Deus e seu povo. Deus fala ao povo pela Palavra proclamada, e o povo, por sua vez, responde a Deus pelo canto e pela oração. É o diálogo nupcial entre o Esposo (Cristo) e a esposa (Igreja). Um fala, e o outro ouve. Não se trata de conversa de amigos, de conhecidos ou de troca de palavras, como tantas que fazemos no dia a dia, mas sim de um diálogo apaixonado. A assembleia reunida está desejosa de ouvir a Deus e deixar-se transformar pela sua Palavra. Deus, de sua parte, está disposto a ouvir e acolher nosso desejo de transformação. Para que o diálogo possa acontecer, são necessários atenção e silêncio. Sem silêncio, não há verdadeira escuta.

Em sua catequese, o papa Francisco chama a atenção para um fato muito recorrente em nossas assembleias litúrgicas: a distração durante a liturgia da Palavra.

“E quantas vezes, enquanto se lê a Palavra de Deus, se comenta: ‘Olha aquele..., olha aquela... olha o chapéu que ela tem: é ridículo...’. E começa-se a fazer comentários. Não é verdade? Devem-se fazer comentários durante a leitura da Palavra de Deus? Não, porque, se tu tagarelas com as pessoas, não ouves a Palavra de Deus. Quando se lê a Palavra de Deus na Bíblia – a primeira leitura, a segunda, o salmo responsorial e o Evangelho –, devemos ouvir, abrir o coração, pois é o próprio Deus que nos fala, e não podemos pensar em outras coisas nem falar de outros assuntos” (PAPA FRANCISCO, AG, 31 de janeiro de 2018).

Se perguntássemos aos participantes de uma celebração eucarística se todos creem na presença de Cristo em sua Palavra proclamada, seguramente a resposta seria afirmativa. Contudo, é fácil perceber que seguidamente nos esquecemos dessa presença sacramental. Cesário, bispo de Arles no século VI, refletindo sobre a presença de Jesus na Palavra, exortava sua comunidade:

Eu lhes pergunto, irmãos e irmãs, digam o que, na opinião de vocês, tem mais valor: a Palavra de Deus ou o Corpo de Cristo? Se quiserem dar a verdadeira resposta, certamente deverão dizer que a Palavra de Deus não vale menos que o Corpo de Cristo. E, por isso, todo cuidado que tomamos quando nos é dado o Corpo de Cristo, para que nenhuma parte escape de nossas mãos e caia por terra, tomemos este mesmo cuidado, para que a Palavra de Deus que nos é entregue

não morra em nosso coração enquanto ficamos pensando em outras ou falando de outras coisas; pois aquela pessoa que escuta de maneira negligente a Palavra de Deus não será menos culpada do que aquela que, por negligência, permitir que caia por terra o Corpo de Cristo (Cesário de Arles, *Sermão* 78,2).

A dinâmica proposta pela celebração litúrgica constitui, em si mesma, a melhor e mais perfeita leitura orante da Palavra de Deus. Nela, a Palavra é proclamada e ouvida, explicada e meditada pela homilia, transformada em oração nas preces dos fiéis (que sempre deveriam estar inspiradas na Palavra proclamada), e encontra seu sentido mais pleno na mesa da Eucaristia, que realiza o que antes fora anunciado. Desse modo, para favorecer esse encontro com Deus, o papa nos recorda dos cuidados necessários para com a celebração da liturgia da Palavra.

“[...] compreende-se por que são proibidas algumas escolhas subjetivas, como a omissão de leituras ou sua substituição com textos não bíblicos. Ouvi dizer que alguém, quando há uma notícia, lê o jornal, porque é a manchete do dia. Não! A Palavra de Deus é a Palavra de Deus! Depois podemos ler o jornal. Mas ali lê-se a Palavra de Deus. É o Senhor que nos fala. Substituir aquela Palavra com outras empobrece e compromete o diálogo entre Deus e seu povo em oração. Ao contrário, [exige-se] a dignidade do ambão e o uso do Lecionário, a disponibilidade de bons leitores e salmistas. Mas é preciso procurar bons leitores, que saibam ler, e não aqueles que leem [deturpando as palavras] e não se entende nada. É assim. Bons leitores! Devem preparar-se e ensaiar antes da missa, para ler bem. E isso cria um clima de silêncio receptivo” (PAPA FRANCISCO, AG, 31 de janeiro de 2018).

Como garantir o diálogo entre Deus e seu povo quando descuidamos do sistema de som de nossas igrejas? Quando escolhemos

os leitores poucos minutos antes da missa, sem nenhum preparo? Quando improvisamos uma melodia para o salmo alguns minutos antes da celebração? Quando trocamos ou omitimos os textos bíblicos? Parece que ainda estamos bastante longe do que a liturgia propõe.

De outra parte, pensemos no quanto nos deixamos transformar, ou não, pela Palavra de Deus. De nada serviria uma celebração bonita ao redor da Palavra, com todos os ritos bem executados, se não estivéssemos dispostos a permitir que essa Palavra transforme nossa vida, nosso modo de pensar, agir e reagir diante do mundo em que vivemos e das pessoas que nos cercam. Uma comunidade que se reúne todos os domingos para ouvir a Palavra de Deus é comunidade que, semana após semana, caminha em direção à santidade. É comunidade que vive, cada dia, mais próxima do Reino dos céus, sem divisões, ciúmes, intrigas, fofocas e competição. Afinal, “tua Palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal!”

“Sem dúvida, não é suficiente escutar com os ouvidos, sem acolher no coração a semente da Palavra divina, permitindo que ela produza frutos. [...] A ação do Espírito, que torna eficaz a resposta, tem necessidade de corações que se deixem modelar e cultivar, de modo que quanto é ouvido na missa passe para a vida de todos os dias [...]. A Palavra de Deus percorre um caminho dentro de nós. Escutamo-la com os ouvidos e ela passa para o coração; não permanece nos ouvidos, mas deve chegar ao coração; e do coração às mãos, às boas obras. Eis o percurso da Palavra de Deus: dos ouvidos ao coração e às mãos. Aprendamos estas coisas” (PAPA FRANCISCO, AG, 31 de janeiro de 2018).

2. A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO

O ponto alto da liturgia da Palavra é, sem dúvida, a proclamação do Evangelho. Por sinal, é com base no Evangelho que são escolhidos os outros textos bíblicos proclamados



“A DINÂMICA PROPOSTA PELA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA CONSTITUI, EM SI MESMA, A MELHOR E MAIS PERFEITA LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS”

na liturgia dominical, de modo especial no Tempo Comum, com exceção da segunda leitura, que, via de regra, não se conecta com os demais textos.

Nos tempos fortes da liturgia, isto é, nos ciclos do Natal e da Páscoa, a escolha do Evangelho se dá à luz da espiritualidade própria de cada tempo. Nos domingos do Tempo Comum, ou seja, na celebração da Páscoa semanal, o texto do Evangelho segue os acontecimentos da vida de Jesus, suas ações e palavras, conduzidas, cada ano, por um dos evangelistas com grande sintonia entre si (sinóticos): Mateus, Marcos e Lucas.

“Do mesmo modo que os mistérios de Cristo iluminam toda a revelação bíblica, assim, na liturgia da Palavra, o Evangelho constitui a luz para compreender o sentido dos textos bíblicos que o precedem, tanto do Antigo como do Novo Testamento” (PAPA FRANCISCO, AG, 7 de fevereiro de 2018).

A primeira leitura, quase sempre extraída do Antigo Testamento, apresenta uma imagem (figura, contexto, exemplo) daquilo que, no Evangelho, será apresentado por Cristo na perfeição. É o que na teologia chamamos de *leitura tipológica*. O Antigo Testamento anuncia, de modo imperfeito, o que se realiza em Cristo no Novo Testamento. O salmo, por sua vez, é resposta à primeira leitura. Portanto, a chave de leitura da liturgia da Palavra dominical será sempre a proclamação do Evangelho, para a qual deve ser reservada toda a atenção (CNBB, IGMR, n. 60).

A proposta ritual para a proclamação do Evangelho cuidou de cercá-la de ações e gestos que destacam sua importância diante dos outros textos proclamados. A liturgia propõe que o Evangeliário (livro que contém somente os textos dos Evangelhos

proclamados) seja conduzido na procissão de entrada e depositado sobre o altar. Sua proclamação está reservada ao ministro ordenado. Assim como a assembleia e o altar, o Evangelho é incensado antes da proclamação. Há um anúncio solene precedido por um canto aclamativo. A escuta é feita de pé, e todos traçam o sinal da cruz sobre si. Ao final, o ministro beija o livro em sinal de veneração (CNBB, IL, n. 17-18).

“[...] na missa não lemos o Evangelho para saber o que aconteceu, mas ouvimos o Evangelho para tomar consciência do que fez e disse Jesus outrora; e aquela Palavra é viva, a Palavra de Jesus que está no Evangelho é viva e chega ao meu coração. Por isso, ouvir o Evangelho é muito importante, com o coração aberto, porque é Palavra viva” (PAPA FRANCISCO, AG, 7 de fevereiro de 2018).

Esses sinais querem nos indicar que toda a atenção deve ser dada à proclamação do Evangelho. Nele, Cristo se manifesta plenamente e se dá como alimento ao seu povo reunido para escutá-lo. O que vem antes é uma preparação para a escuta e a compreensão do Evangelho; o que vem depois, a homilia, é desdobramento e consequência: aderimos ao que foi proclamado pela profissão de fé e pedimos a Deus que realize o que foi anunciado pelas preces da assembleia.

“Porque a Boa Notícia, a Palavra de Deus, entra pelos ouvidos, vai ao coração e chega às mãos para fazer boas obras” (PAPA FRANCISCO, AG, 7 de fevereiro de 2018).

3. A HOMILIA

A homilia é um elemento importante em nossas assembleias dominicais e, por isso, mereceu especial atenção do papa em suas catequese sobre a celebração eucarística.

Embora não seja um elemento novo, somente no contexto do Concílio Vaticano II a homilia voltou a ser parte integrante da celebração litúrgica (SC 7).

Durante muitos séculos, ela esteve completamente separada da celebração, tanto na forma como no conteúdo. O sermão, como era costume chamar a homilia, estava focado em pregações sobre *temas* que pouco ou nada se relacionavam com a Palavra de Deus e, menos ainda, com a vida da assembleia.

O Concílio buscou devolver a homilia à liturgia, por isso postulou que fosse encarada como parte da liturgia, inspirada na Palavra proclamada ou nos textos das orações propostas pelo Missal (CNBB, IGMR, n. 65).

Sabemos que o caminho percorrido até agora foi muito importante e grandes progressos foram feitos. As tentativas de ajudar os pregadores (homiliastas) a preparar e fazer uma boa homilia multiplicam-se em todos os âmbitos, tanto na formação seminarística como nas inúmeras publicações de roteiros homiléticos de autores renomados, incluindo biblistas, liturgistas e outros, sem contar as inúmeras iniciativas das conferências episcopais.

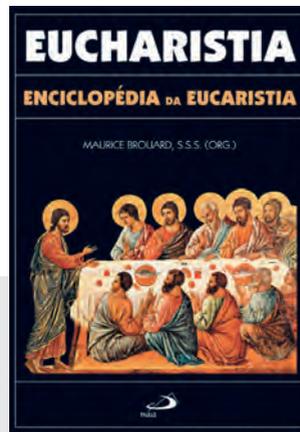
“O que é a homilia? É ‘um retomar este diálogo que já está estabelecido entre o Senhor e o seu povo’, para que seja posta em prática na vida. A autêntica exegese do Evangelho é a nossa vida santa! A Palavra do Senhor termina a sua corrida fazendo-se carne em nós, traduzindo-se em obras, como aconteceu em Maria e nos santos. Recordai aquilo que eu disse na última vez: a Palavra do Senhor entra pelos ouvidos, chega ao coração e vai às mãos, às boas obras. E também a homilia segue a Palavra do Senhor, fazendo inclusive esse percurso para nos ajudar, a fim de que a Palavra do Senhor chegue às mãos, passando pelo coração” (PAPA FRANCISCO, AG, 14 de fevereiro de 2018).

De um lado está o homiliasta, que a cada domingo deve proferir uma homilia à sua assembleia, sem ser repetitivo e, ao mesmo

Eucaristia

Enciclopédia da Eucaristia

Maurice Brouard (org.)



1040 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro traz as sínteses propostas por 80 representantes das teologias católica, ortodoxa e protestante originários dos cinco continentes.

A primeira seção conta com explicações teológicas sobre a significação dos símbolos rituais e a originalidade da Eucaristia cristã. A segunda descreve práticas, discursos e controvérsias que a celebração da Ceia do Senhor suscitou ao longo da vida da Igreja.

A terceira expõe uma visão do mundo em que as realidades eclesial e humana são iluminadas pela irradiação da Eucaristia.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br



“HOMILIA É AÇÃO SACRAMENTAL: PELAS PALAVRAS HUMANAS, DE MODO MINISTERIAL, DEUS SE FAZ PRESENTE, ATINGE-NOS COM SUA PALAVRA E NOS TRANSFORMA”

tempo, sendo capaz de falar de forma simples, para que possa ser entendido por um público tão diverso. De outro, está a assembleia, sedenta da Palavra de Deus, mas nem sempre disposta a escutar e, muitas vezes, com alguns preconceitos em relação ao pregador.

Em sua catequese, retomando o que já fora dito na *Evangelii Gaudium*, o papa propõe algumas pistas importantes a respeito da homilia. O pontífice começa recordando que ela é uma resposta à Palavra proclamada, por isso deve estar intensamente relacionada com ela. A homilia, por ser parte da liturgia, não pode desconsiderar a Palavra de Deus, esta é sua fonte primeira de inspiração. Depois, é preciso relacionar essa palavra com a vida da comunidade. A Palavra deve encarnar-se, assumir o rosto daquela assembleia e trazer luzes à sua vida. É preciso transformar-se em Boa-nova, capaz de encher de esperança quem a ouve. Seria possível fazer isso se o pregador não conhecesse a assembleia que tem diante dele? Penso, recordando o que disse Francisco, que somente o pastor que tem o cheiro das ovelhas conseguirá ter sua voz reconhecida por elas.

“Quem profere a homilia deve cumprir bem o seu ministério — aquele que prega, sacerdote, diácono ou bispo —, oferecendo um serviço real a todos aqueles que participam na missa, mas também quantos o ouvem devem desempenhar sua parte. Antes de tudo, prestando a devida atenção, ou seja, assumindo as justas disposições interiores, sem pretensões subjetivas, conscientes de que cada pregador tem qualidades e limites. Se às vezes há motivos para se entediar, porque a homilia é longa, ou não está centrada, ou é incompreensível, outras vezes, ao contrário, o obstáculo é o preconceito. E quem pronuncia a homilia deve estar consciente de que não faz algo próprio,

mas prega dando voz a Jesus, prega a Palavra de Jesus. E a homilia deve ser bem preparada, deve ser breve, breve!” (PAPA FRANCISCO, AG, 14 de fevereiro de 2018).

Como o próprio nome indica, homilia é uma conversa amigável, familiar, conversa entre irmãos, buscando juntos a compreensão da Palavra de Deus para encorajar, animar, exortar, corrigir, educar, consolar e alegrar o coração.

Homilia é ação sacramental: pelas palavras humanas, de modo ministerial, Deus se faz presente, atinge-nos com sua Palavra e nos transforma. Por isso, na dinâmica da liturgia da Palavra, a homilia continua o diálogo entre Deus e seu povo. É teofania (lugar da manifestação de Deus). A missão do pregador consiste em ajudar a Palavra de Deus a chegar verdadeiramente ao coração dos fiéis, a fim de orientar-lhes a vida.

É preciso lembrar, contudo, que os fiéis são chamados a colaborar com o homilista. Primeiro com a atenção devida, escutando sem prevenções ou preconceitos, sabendo respeitar os limites do pregador que têm diante de si. Nem todos os bispos, padres e diáconos são iguais. Alguns possuem maior facilidade para a comunicação que outros, mas todos são chamados ao exercício desse ministério, apesar de suas limitações. É preciso dizer, também, que a comunidade pode ajudar, partilhando com o pregador suas impressões, sem falsos elogios, mas com caridade e sinceridade.

Num mundo tão apressado como o nosso, não podemos imaginar que as pessoas estejam dispostas a ouvir como outrora. Tudo é muito rápido hoje. As informações são dadas de forma apressada. Não se pode abusar do tempo. Quando se prepara bem, pode-se

dizer em pouco tempo o que se quer. Quando não se prepara, diz-se, em muito tempo, o que não se quer! Preparar bem significa estudar, ler e refletir, mas também rezar. Talvez uma pergunta a fazer é: O que o Senhor quer que eu diga?

“Por isso, por favor, que a homília seja curta, mas bem preparada. E como se prepara uma homília, caros sacerdotes, diáconos, bispos? Como se prepara? Com a oração, com o estudo da Palavra de Deus e fazendo uma síntese clara e breve, não deve superar dez minutos, por favor!” (PAPA FRANCISCO, AG, 14 de fevereiro de 2018).

Terminada a homília, recomenda-se um breve tempo de silêncio para que a assembleia possa digerir a Palavra ouvida e elucidada na homília.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II, por meio de seus documentos, deixa-nos claro que a celebração eucarística é composta de duas mesas, a da Palavra e a da Eucaristia. Preparar essas mesas e oferecê-las à assembleia é dever da Igreja e, por conseguinte, responsabilidade dos pastores e das equipes de liturgia. A liturgia terá sentido na medida em que alimentar a vida e a fé daqueles que dela se aproximam, por isso é tão importante cuidar da ritualidade.

Embora o modo de celebrarmos a Eucaristia seja o de um banquete festivo, pois a celebramos no contexto de uma ceia judaica, o motivo ou o fato celebrado continua a ser a entrega de Jesus. A forma da celebração deve estar em sintonia com seu conteúdo. Quero dizer com isso que, por mais festivas que sejam nossas celebrações – e é bom que sejam assim –, a maneira de celebrarmos deve nos conduzir sempre para o encontro com o Cristo e favorecer o diálogo entre Deus e o humano. Celebrações que chamam a atenção mais para o esteticismo, para o barulho, para as aptidões comunicativas de quem preside ou para as

apresentações musicais dos cantores acabam por distrair a assembleia e prejudicar esse encontro-diálogo. Corre-se o risco de fazer das celebrações um evento puramente humano e desprovido do sagrado. **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*: Constituição sobre a sagrada liturgia (SC). São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a revelação divina (DV). São Paulo: Paulinas, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário* (IGMR/IL). Brasília: CNBB, 2008.

_____. *Liturgia em mutirão*: subsídios para formação. Brasília: CNBB, 2007.

PAPA BENTO XVI. *Verbum Domini*: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (VD). São Paulo: Paulinas, 2010.

PAPA FRANCISCO. *Audiência Geral* (AG). Vaticano, 2017. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2017.index.html>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

_____. *Audiência Geral* (AG). Vaticano, 2018. Disponível em: <<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2018.index.html>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

_____. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013. (Documentos Pontifícios, 17).

CELEBRANDO O ANO B

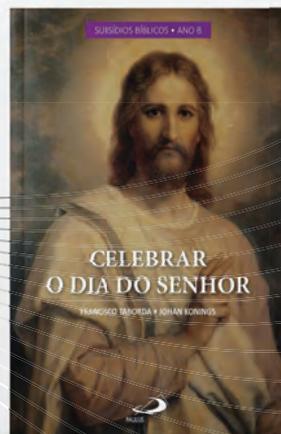
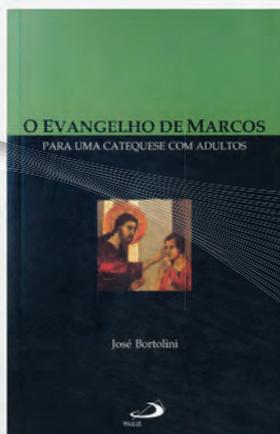
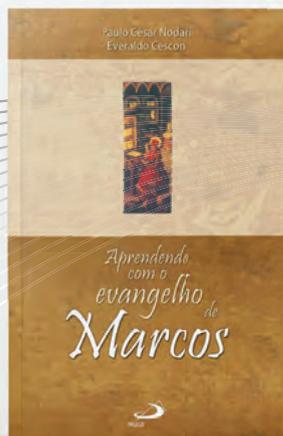
Conforme o ciclo trienal do ano litúrgico, 2021 é Ano B, indicando que, durante este período, as leituras dos domingos e solenidades serão retiradas do Evangelho de Marcos.

Para que você tenha uma melhor compreensão desse evangelista, a PAULUS indica abaixo uma série de obras que oferecem chaves de leitura, meditações e indicações de uso na catequese relativas aos textos desse Evangelho.

Neste ano, acompanhe a Liturgia da Palavra com mais conhecimento e profundidade!

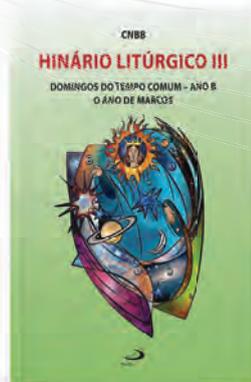
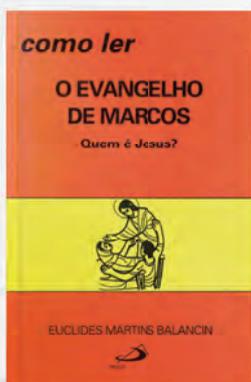
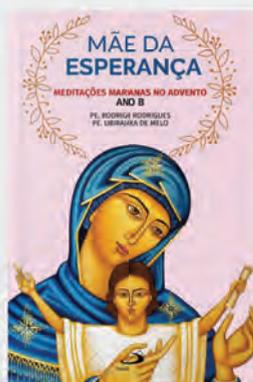


LIVROS





LIVROS



CONHEÇA TAMBÉM OS CANTOS E OS SALMOS PRÓPRIOS DESTE ANO LITÚRGICO:



CDs



Faixas disponíveis também no YouTube e no Spotify, em playlists nomeadas por Domingo. Procure pelo canal **PAULUS** Editora nas duas plataformas e aproveite!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

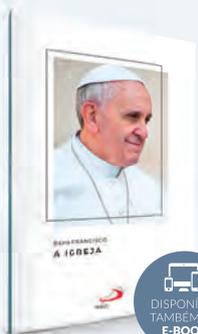
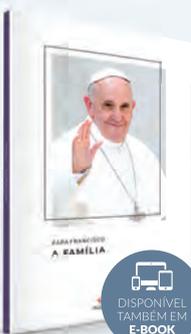
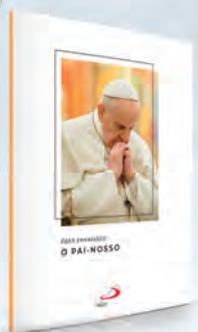
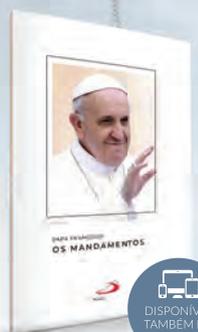
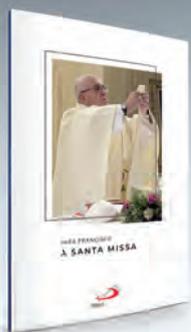
PARA QUE A PALAVRA DO SENHOR SE ESPALHE RAPIDAMENTE 276.3.1
ANO BÍBLICO DA FAMÍLIA PAULINA 2020-2021

Comunicação para um mundo melhor



COLEÇÃO

Catequeses do Papa Francisco



A sabedoria do Papa ao seu alcance

Todas as quartas-feiras, no Vaticano, o Papa Francisco realiza uma Audiência Geral com os fiéis, quando compartilha ensinamentos e reflexões sobre questões importantes para a vida da Igreja no mundo de hoje.

A PAULUS reúne o conteúdo desses encontros e o traz até você, organizado por temas nos diferentes volumes da coleção.

Adquira os seus e deixe-se guiar pelo grande pastor da Igreja.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



OS CLÁSSICOS, VOCÊ ENCONTRA NA PAULUS



Como editora referência na publicação de obras cristãs, é com muito carinho que nos dedicamos à coleção **Clássicos do Cristianismo**.

Da mesma forma que as Bíblias – nossa marca registrada –, as grandes obras dos santos estão no cerne da missão da PAULUS.

É por isso que, nesta coleção, oferecemos a você edições cuidadosamente preparadas dos livros que nenhum católico pode deixar de ler.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

PAULUS



*Pe. Jaldemir Vitório, sj, é doutor em Teologia pela PUC-Rio e professor de Teologia Bíblica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte-MG. E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br

**Pe. João Paulo Goes Sillio, licenciado em filosofia pela Fajopa-Marília-SP. Bacharelado civil e eclesiástico pela Faje-BH, com concentração de pesquisa em teologia bíblica do Novo Testamento. Pároco da Sagrada Família, arquidiocese de Botucatu-SP. E-mail: jpsillio@hotmail.com

João Paulo Goes Sillio
2017

MINICURSO

“Com Marcos no seguimento de Jesus”

Este artigo é fruto de uma live realizada pelo Pe. João Paulo Sillio (arquidiocese de Botucatu-SP) com o Pe. Jaldemir Vitorio. Trata-se de uma chave de leitura para entender a teologia do Evangelho segundo São Marcos. O autor se concentra na perícopos de Marcos 6,1-10,52, considerando esse trecho como o eixo do Evangelho.

A abordagem põe em questão a crise e a profissão de fé da comunidade marcana

INTRODUÇÃO

Considera-se o Evangelho de Marcos como uma catequese narrativa – ou seja, não é uma biografia de Jesus. Marcos está preocupado com a fé da comunidade e quer ajudá-la a perseverar nessa fé. O ponto de partida é a vivência da fé. Os membros da comunidade estão passando por uma crise, e Marcos vai ajudá-los a se fortalecerem no seguimento de Jesus. O evangelista recorre à história de Jesus, à tradição sobre ele, e usa o que tem à disposição e que pode ajudar a comunidade. Nas entrelinhas do Evangelho, vamos percebendo as luzes que Marcos busca despertar. Mostraremos como Mc 6,1-10,52 ocupa um lugar importante no conjunto da narrativa, pois aí acontece a revelação do segredo messiânico, elemento fundamental para a compreensão daquela catequese. No final, vamos tirar algumas conclusões para a vivência da fé hoje.

CATEQUESE NARRATIVA: MARCOS 6-10

Esquema

1. Marcos: catequese narrativa para uma comunidade questionada em sua fé
2. O Messias crucificado e o desafio da evangelização

3. O segredo messiânico na catequese marcana
4. Mc 6,1-10,52: parte de um mosaico narrativo
5. Leitura de três perícopos:
 - a) Mc 6,1-6a – Jesus rejeitado em sua pátria
 - b) Mc 8,27-30 – profissão de fé feita por Pedro
 - c) Mc 10,46-52 – cura do cego de Jericó
6. Uma catequese para os discípulos e as discípulas de Jesus de Nazaré

1. Marcos: catequese narrativa para uma comunidade questionada em sua fé

a) Os membros da comunidade de Marcos e a comunidade de Lucas vinham da gentildade, de outras religiões, de outros contextos religiosos. Isso é importante, porque a mensagem de Jesus deriva do judaísmo, e é preciso ajudar quem não pertence a essa cultura a entender a mensagem. Marcos tem de passar a mensagem de Jesus, mas a comunidade marcana não tem como entender. No começo, o movimento de Jesus era um movimento dentro do judaísmo; Jesus não fundou nenhuma igreja, nenhuma religião. Ele formou um grupo para levar essa riqueza espiritual a todos os povos. Como diz o Evangelho de

“NA MORTE DE CRUZ, JESUS CARREGAVA ESSE TRAÇO DA MALDIÇÃO. MARCOS, PORÉM, VAI MOSTRAR QUE ELE É O BENDITO DE DEUS”

Marcos, lá no final: “Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Isso é importante, para não pensarmos que Jesus fundou a Igreja católica, apostólica, romana lá no século I e ler o Evangelho com essa mentalidade. Não, Jesus criou um movimento dentro do judaísmo, dentro de sua religião. E esse movimento consistia em viver radicalmente a fé de Israel e levar essa fé para todos os povos, indistintamente.

Mc 7,2-4 dá a entender que, em se tratando de uma comunidade não judaica, seus membros desconheciam a tradição de Israel: “E perceberam que alguns dos seus discípulos comiam o pão com mãos impuras, isto é, sem as lavar. Com efeito, os fariseus e todos os judeus, apegando-se à tradição dos antigos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; e, quando voltam do mercado, não comem sem ter feito abluções. E há muitos costumes que observam por tradição, como lavar os copos, os jarros e os pratos de metal”.

Marcos colocou isso no Evangelho dele, mas tinha de explicar, porque os leitores da comunidade não entendiam os costumes dos judeus. Uma coisa dessas não se encontra nem no Evangelho de Mateus nem no de João, porque Marcos tem de explicar que isso aconteceu aqui com Jesus, porque na religião de onde ele veio era assim. Quando se lê o Evangelho, é preciso prestar atenção, porque Marcos vai apresentar situações como essa.

b) Os problemas vividos pela comunidade, que é questionada em sua fé, motivam o evangelista a oferecer-lhe luzes para que persevere em meio às muitas adversidades. Portanto, o foco de interesse do evangelista consiste em reforçar a fé dos irmãos e irmãs, e não produzir uma biografia de Jesus.

c) Nas entrelinhas do Evangelho estão iluminações para os problemas de fé da comunidade. O estilo narrativo permite ao evangelista dar a palavra a Jesus e mostrar seu modo de proceder e ensinar. Assim, o leitor-ouvinte tem a chance de responder à questão de fundo de todo o Evangelho: “Quem é Jesus?” Isso em vista de se tornar discípulo e apóstolo. Trata-se de resposta não teórica, mas empírica, existencial. Para os cristãos, é mais importante o Jesus revelado com a vida do que com palavras. O rosto verdadeiro da fé é o rosto da misericórdia.

2. O Messias crucificado e o desafio da evangelização

O nó da vida das comunidades cristãs foi a morte de Jesus crucificado. No começo do cristianismo, um ponto difícil de tratar foi a morte de Jesus.

a) A eliminação de Jesus foi decidida no início do Evangelho: “Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente tomaram uma decisão (*syboüilion dídomi* – decretar uma sentença) contra Jesus sobre como o destruiriam (*apólymi*)” (Mc 3,6).

Quem lê hoje o Evangelho de Marcos não faz a leitura da forma como as pessoas entendiam, naquele tempo, a morte do crucificado. No final, Marcos vai dar uma resposta muito diferente do “senso comum”. O ponto do conflito dos que queriam acabar com Jesus é o modo de viver a fé. Naquele tempo, havia uma corrente que tendia a reduzir a fé à prática da Lei de Moisés, e eles, os fariseus, ficavam pondo isso na cabeça das pessoas. Jesus deu um salto, não se deteve na letra da Lei, mas foi às raízes da religião de Israel; ele falava do Deus das fontes da fé, um Deus não contaminado.

Certa vez eu estava orientando um retiro em São Paulo e perguntei aos presentes: “Vocês têm a coragem de beber a água do Tietê?” As pessoas responderam que não, e então expliquei que se tratavam das fontes do rio Tietê. Assim fez Jesus, ele foi às fontes. A turma da Lei não aceitou, e aí começou a perseguição. Eles achavam que Jesus era um blasfemo, alguém que estava ofendendo a Deus. Isso ocorre até hoje. Vejamos o que fazem com o papa Francisco. Um grupinho conservador dentro da Igreja listou até as “heresias” de Francisco. Eles preferem beber a água contaminada.

b) A escolha da morte na cruz tinha a intenção de fazer cair por terra qualquer pretensão de Jesus de ser obediente e fiel a Deus, na condição de seu Filho, pois, de acordo com Dt 21,23: “Será maldito de Deus todo aquele que for suspenso”. Elevado na cruz, Jesus estava sendo declarado maldito, de acordo com as Escrituras; uma morte pela qual ele seria desmoralizado desde as bases. Por isso, o Evangelho deverá mostrar que o Crucificado não é um maldito de Deus, mas, ao contrário, é o Filho amado do Pai, a quem foi inteiramente obediente e fiel.

c) Na comunidade de Marcos havia muita gente ligada ao Império Romano. Neste, a morte de cruz – da qual os cidadãos romanos eram poupados, exceto nos casos de alta traição ao império – estava reservada para os escravos e os piores criminosos. Como os cristãos haveriam de anunciar a salvação vinda de um crucificado? A rejeição seria imediata! Daí a importância de mostrar como Jesus foi crucificado, vítima da intolerância, da perseguição e da injustiça, pois só fez o bem. Portanto, não é um marginal. Para tornar ainda mais séria essa questão da maldição, Jesus morre pobre, sem nada, a ponto de ter sido pregado despido; morre jovem; e morre sem deixar descendência: três sinais da maldição, do castigo de Deus, na visão da teologia da

retribuição. Na morte de cruz, Jesus carregava esse traço da maldição. Marcos, porém, vai mostrar que ele é o bendito de Deus, respondendo quem é Jesus e mostrando que vale a pena ser discípulo dele, mesmo que se venha a compartilhar do seu destino.

3. O segredo messiânico na catequese marcana

a) Fato narrativo: O evangelista começa sua narrativa com uma afirmação – “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1) –, mas, depois, parece esconder a identidade de Jesus, o Cristo (= Messias). A isso se chamou *segredo messiânico*.

No batismo, a voz se dirige apenas a Jesus – “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1,11) –, enquanto, no Evangelho de Mateus, a voz fala às multidões: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 4,17).

b) Quando faz um milagre e os demônios demonstram conhecer sua identidade, Jesus os proíbe de dizer quem ele é:

- Mc 1,23-25: “[...] ‘Sei que tu és o santo de Deus’. Mas Jesus intimou-o, dizendo: ‘Calate, sai deste homem!’”

- Mc 3,11-12: “[...] Gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus!’ E Jesus os proibia severamente, para que não o tornassem conhecido.”

c) Os miraculados também eram proibidos de revelar a identidade de Jesus:

- Mc 1,44 (cura do leproso): “Vê que não o digas a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e apresenta, pela tua purificação, a oferta prescrita por Moisés, para lhe servir de testemunho.”

- Mc 5,43 (cura da filha do chefe da sinagoga): “Ordenou-lhes severamente que ninguém o soubesse e mandou que lhe dessem de comer.”

- Mc 7,36 (cura do surdo-mudo): “Proibiu-lhes que o dissessem a alguém.”

“O LEITOR-OUVINTE DEVERÁ TIRAR SUAS CONCLUSÕES A RESPEITO DO MESSIANISMO DE JESUS AO CONTEMPLÁ-LO PREGADO NA CRUZ”

- Mc 8,26 (cura do cego): “E mandou-o para casa, dizendo: ‘Não entres nem mesmo na aldeia’.

d) Também os discípulos foram proibidos de revelar a identidade messiânica de Jesus:

- Mc 8,30 (após a revelação da identidade de Jesus por Pedro): “E ordenou-lhes severamente que a ninguém dissessem nada a respeito dele.”

- Mc 9,9 (após a transfiguração): “Ao descerem do monte, proibiu-lhes Jesus que contassem a quem quer que fosse o que tinham visto, até que o Filho do Homem houvesse ressurgido dos mortos.”

e) O segredo messiânico em Marcos pode ter três fundamentos:

- Corresponderia a uma atitude do Jesus histórico. Como havia uma febre messiânica e se esperava um messias nacionalista e poderoso, que expulsaria os romanos e instauraria o reino de Davi, Jesus se afastou dessas expectativas por não corresponderem à sua consciência de Messias Servo. Mc 10,45: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos”. Sua identidade messiânica seria entendida no final de sua vida, para mostrar que ele é o Messias servidor.

- Corresponderia a um artifício narrativo do Evangelho para falar da identidade messiânica de Jesus. O leitor-ouvinte deverá tirar suas conclusões a respeito do messianismo de Jesus ao contemplá-lo pregado na cruz, após ter lido/escutado todo o Evangelho.

- Corresponderia a uma atitude de Jesus que o evangelista transformou em artifício narrativo, fazendo-o perpassar toda a catequese.

4. Mc 6,1-10,52:

parte de um mosaico narrativo (Mc 1-16)

Abertura: Mc 1,1-13 – Anúncio de João Batista e batismo de Jesus

1ª Parte: Quem é este? Que Reino anuncia? Será ele o Messias?

1,14-3,6 – O início na Galileia e os primeiros discípulos

3,7-5,43 – Os Doze, palavras e gestos do Reino

6,1-8,26 – Missão e multidão para todos

2ª Parte: O Messias diferente: Filho do Homem, servo e Filho de Deus

8,27-10,52 – Profissão de fé no Messias e o caminho do seguimento

11,1-13,37 – Conflito e pregação em Jerusalém

14,1-16,8 – Paixão, morte, ressurreição. Volta à Galileia

Epílogo: 16,9-20 – Depois da ressurreição

5. Leitura de três perícopes

a) *Mc 6,1-6a – Jesus rejeitado em sua pátria*
Saindo dali, Jesus foi para sua própria terra. Seus discípulos o acompanhavam. No sábado, ele começou a ensinar na sinagoga, e o acompanhavam muitos dos que o ouviam, e se admiravam: “De onde vem isso?”, diziam. “Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E esses milagres realizados por suas mãos? Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E suas irmãs, não estão aqui conosco?” E mostravam-se chocados com ele. Jesus, então, dizia-lhes: “Um profeta não é estimado em sua própria terra, entre os parentes e na própria casa”. E não conseguia fazer ali nenhum milagre, a não ser impor as mãos a uns doentes. Ele se admirava da incredulidade deles.

Esse ponto mostra a dificuldade que as pessoas tinham de entender a missão de Jesus.

b) Mc 8,27-33 – profissão de fé feita por Pedro (v. 27-30)

Momento em que o segredo messiânico é revelado. Ou seja, é a hora em que vem à tona aquilo que até então tinha sido escondido.

Jesus e seus discípulos partiram para os povoados de Cesareia de Filipe. No caminho, ele perguntou aos discípulos: “Quem dizem as pessoas que eu sou?” Eles responderam: “Uns dizem João Batista; outros Elias, outros ainda um dos profetas”. Jesus, então, perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. E Jesus os advertiu para que não contassem isso a ninguém.

Pedro censurado (v. 31-33)

Jesus começa a colocar os “pingos nos is”. Ele era o Cristo, sim, mas não o Cristo glorioso, poderoso, que iria mandar em todos os romanos. Ele mostrou outro rosto do messianismo, que ninguém em Israel esperava. “Vai para trás”, porque o discípulo segue o Mestre, e Pedro tem a ousadia de querer ensinar Jesus. Quando Jesus chama Pedro de satanás, “satã”, refere-se àquele que é adversário, inimigo. Não inimigo de Jesus, mas inimigo de Deus, ao tentá-lo, para que buscasse a glória, a grandeza. Por isso, no pai-nosso, Jesus nos ensina a rezar: “Não nos deixeis cair em tentação” – a tentação de buscar um messianismo sem cruz, glorioso.

E começou a ensinar-lhes que era necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e depois de três dias ressuscitar. Falava abertamente. Então, Pedro, chamando-o de lado, começou a censurá-lo. Jesus, porém, voltou-se e, vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro, dizendo: “Vai para trás de mim, satanás! Pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim as dos homens!”

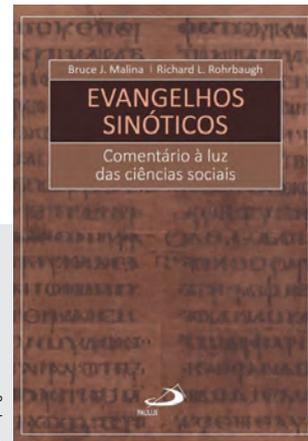
c) Mc 10,46-56 – cura do cego de Jericó

No Evangelho de Marcos, tal relato é colocado num lugar bem preciso de caetérese. Chegando a Jericó, o grupo vai

Evangelhos sinóticos

Comentário à luz das Ciências Sociais

Bruce J. Malina e Richard L. Rohrbaugh



504 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O objetivo da obra é transpor os evangelhos sinóticos do contexto cultural mediterrâneo onde foram escritos para as sociedades ocidentais industrializadas onde agora são lidos. Trata-se de uma modernização social do texto para que os leitores avancem na compreensão do que os autores bíblicos pretenderam dizer, uma vez que, sem isso, é improvável que nativos deste mundo industrial completem o texto do Novo Testamento conforme os autores antigos teriam imaginado.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

começar a subir para Jerusalém, onde Jesus será crucificado. Esse cego curado representa as pessoas que vão seguir Jesus, mas o fazem de olhos abertos. Quem seguir Jesus na cegueira, sem discernimento, vai se decepcionar com ele. O que fora cego vai segui-lo até Jerusalém e não vai se decepcionar com o crucificado. Marcos quer dizer que quem quer ser discípulo de Jesus tem de deixar de lado suas cegueiras, senão não entenderá que Deus está com ele.

Chegaram a Jericó. Quando Jesus estava saindo da cidade, acompanhavam-no os discípulos e uma grande multidão. O mendigo cego, Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. Ouvindo que era Jesus Nazareno, começou a gritar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Muitos o repreendiam para que se calasse. Mas ele gritava mais alto: “Filho de Davi, tem compaixão de mim”. Jesus parou e disse: “Chamai-o”. Eles o chamaram, dizendo: “Coragem, levanta-te! Ele te chama!” O cego jogou o manto fora, deu um pulo e se aproximou de Jesus. Este lhe perguntou: “Que queres que eu te faça?” O cego respondeu: “Rabúni, que eu veja”. Jesus lhe disse: “Vai, tua fé te salvou”. No mesmo instante, ele recuperou a vista e foi seguindo Jesus pelo caminho.

CONCLUSÃO

Lições que a catequese de Marcos ensina aos discípulos e discípulas de Jesus de Nazaré hoje:

Só pode ser discípulo ou discípula de Jesus quem responde corretamente à pergunta: “Quem é Jesus de Nazaré para mim?” Nem toda resposta corresponde ao Jesus dos Evangelhos. Deve-se perguntar como a cruz, a paixão de Jesus, entram nessa história. A tendência é transformar Jesus no filho da Rainha, transformá-lo num Rei, e isso é negação da fé do discipulado cristão. A cruz de Jesus não era trono, era cruz mesmo.

A resposta correta depende da vivência da fé e do discipulado. De nada adianta palavreado

bonito e piedoso (ortodoxia) se o crente caminha na contramão de Jesus (ortopraxis).

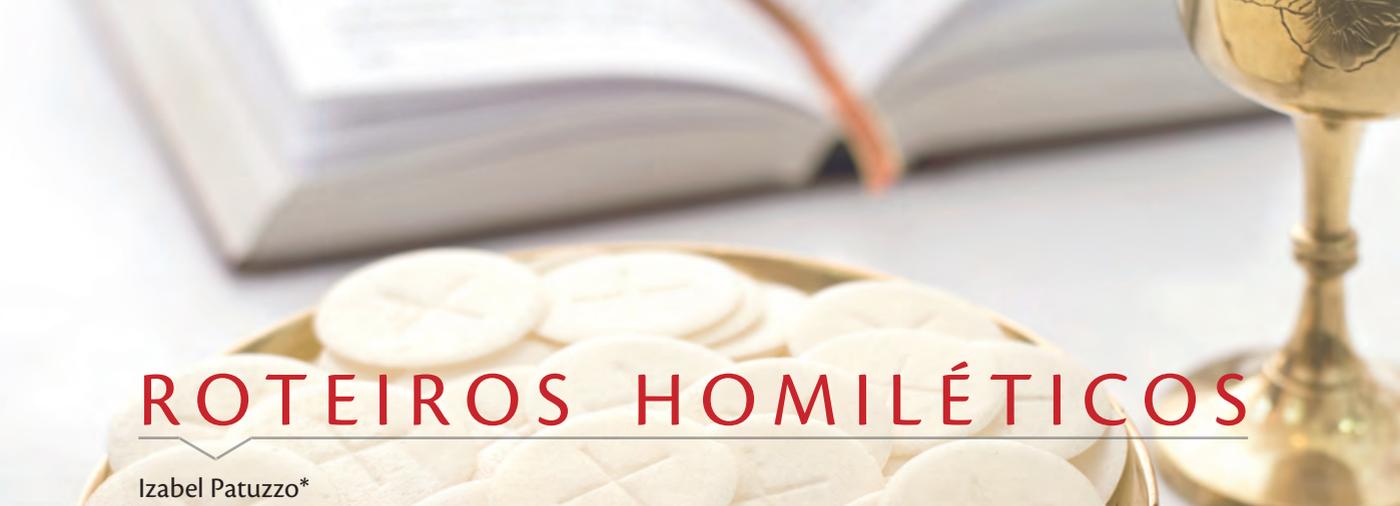
Uma tentação recorrente consiste em excluir a paixão e a cruz e falar apenas do Ressuscitado glorioso. O Ressuscitado é o Crucificado. Mc 16,6: “Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui!” A desconexão tem como resultado um cristianismo “oba-oba”, igrejas transformadas em casas de *shows*, *showmissas*/cultos, *padres*/*pastores pop stars*, fé sem caridade e sem compromisso social.

A catequese evangélica termina com o Ressuscitado enviando os discípulos em missão: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Embora tenha havido uma missão dos Doze (Mc 6,7-13), a missão do final do Evangelho é um caminho sem volta. Aqui se supõe o discipulado que passou pela paixão e morte de cruz. Só pode ser missionário do Evangelho quem seguiu o Mestre até o fim. Sem esse pré-requisito, a missão fica comprometida. Padre Júlio Lancellotti, em São Paulo, é belo exemplo de quem, a exemplo de Jesus, vai aos últimos, a todas as criaturas, até aos da Cracolândia.

O discipulado se faz “com os olhos abertos”, com discernimento, de modo a evitar que as tribulações ou as perseguições “por causa da Palavra”, mas também “os cuidados do mundo, a sedução da riqueza e as ambições de outras coisas” (Mc 4,17-19) matem a obra de Deus no coração dos discípulos e discípulas. Um discipulado diferente do que fazem alguns *padres midiáticos* famosos, que de servidores transformaram-se em *pop stars*.

Discípulo e discípula do Reino são os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática. Cada um de nós, que temos o desejo de ser discípulos e discípulas de Jesus, é convidado a deixar a Palavra de Deus cair no coração e produzir muitos frutos de misericórdia e de cuidado com os irmãos e irmãs e com a casa comum.

vp



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Izabel Patuzzo*

5º DOMINGO DA PÁSCOA

2 de maio

Cristo a videira, os discípulos os ramos

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo apontam para as questões da integridade e genuinidade do discipulado cristão. A verdadeira identidade missionária dos discípulos de Jesus se expressa com ações concretas. As leituras nos interrogam sobre como transformar todo aquele que acredita em Deus em verdadeiro discípulo de Jesus Cristo e como essa verdade se manifesta em sua vida. A figura de Paulo começa a ter um papel muito importante na comunidade primitiva, logo após sua conversão. Depois de se encontrar com o Senhor no caminho de Damasco, ele se dirige para Jerusalém. De perseguidor da Igreja, o apóstolo se transforma em evangelizador cheio de entusiasmo. Para isso, porém, ele teve de enfrentar o medo da comunidade e a dúvida sobre se sua conversão seria verdadeira. A comunidade de Jerusalém o conhecia como perseguidor, e custou-lhe acreditar que sua fé em Jesus Cristo era genuína. Foi necessário que Barnabé o apresentasse à comunidade dos discípulos. No entanto, quando Paulo se convenceu de que Jesus ressuscitado era o Senhor, converteu toda a convicção de

sua fé judaica em uma vida totalmente dedicada ao anúncio do Evangelho de Jesus Cristo.

Na segunda leitura, João nos diz que devemos amar com as obras e com a verdade. É no amor fraterno, e não em palavras, que demonstramos ser participantes da verdade divina, pois o amor produz frutos, estabelecendo laços afetivos que conduzem ao cuidado com o outro, à solidariedade e à criação de comunidades de fé acolhedoras.

No Evangelho de João, Jesus é o verdadeiro maná, o verdadeiro pastor e a verdadeira vinha. A vinha, no Antigo Testamento, aplica-se a Israel. Os autores bíblicos usam essa imagem para expressar que Deus sempre cuidou de Israel com carinho, pois a vinha lhe pertence. No Evangelho deste domingo, a vinha é Jesus, e entre ele e seus discípulos se estabelece profunda comunhão, como o tronco da videira com seus ramos. No Novo Testamento, os ramos são símbolo das comunidades cristãs.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 9,26-31)

A primeira leitura continua a apresentar a história das primeiras comunidades cristãs. Lucas relata as primeiras atividades apostólicas de Paulo, seu contato com a comunidade apostólica de Jerusalém e o papel de Barnabé, que acolhe o apóstolo, apesar do passado deste como perseguidor. Paulo e Barnabé

Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada – PIME. É assessora nacional da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. E-mail: Isabellapatuzzo@hotmail.com

eram judeus que viviam na diáspora; eles realizam sua missão fora de Jerusalém, mas desenvolvem seus trabalhos apostólicos em comunhão com a Igreja ali presente.

A desconfiança da comunidade de Jerusalém em acolher Paulo tem fundamento histórico. Não obstante, o apóstolo se esforçou para superar essa desconfiança e se integrar na Igreja. As primeiras comunidades cristãs se desenvolveram em meio a muitas dificuldades e adversidades, porém o diálogo e a comunhão fraterna eram características marcantes entre os cristãos. Paulo foi acolhido, integrado na comunidade e participou ativamente das tarefas apostólicas de anunciar Jesus Cristo. Ele deu grande testemunho de sua fé, também em meio a muitas adversidades. Experimentou hostilidades e oposições, mas foi fiel ao chamado recebido. Ao encontrar-se com Jesus ressuscitado no caminho, dedicou-se inteiramente a anunciá-lo em todos os lugares. Nos Atos dos Apóstolos, Lucas evidencia que o caminho do discípulo de Jesus é marcado pela cruz, mas gera vida em plenitude. Anunciar Jesus não foi missão fácil para Paulo e para os demais apóstolos, pois o anúncio do Evangelho provoca conflitos com os poderes da morte, mas as primeiras comunidades cristãs tinham a certeza de que eram conduzidas pelo Espírito Santo e depositaram toda a esperança no Senhor ressuscitado.

2. II leitura (1Jo 3,18-24)

A primeira carta de João é dirigida às comunidades cristãs da Ásia Menor, que enfrentam problemas com as doutrinas advindas das seitas, particularmente com os gnósticos, contrários à doutrina da encarnação de Jesus Cristo. Para os gnósticos, a prática da caridade não era importante, pois, a seu ver, a fé era uma questão de comunhão espiritual com Deus e não necessitava ser expressa em gestos concretos. Nesse contexto, João mostra em que consiste a fé cristã: viver o mandamento

novo do amor. Para João, conhecer Deus significa amar os irmãos, e quem não ama o irmão não conhece a Deus, porque Deus é amor. Ao apresentar a prática do amor fraterno como característica dos filhos de Deus, João faz referência à geração divina pelo batismo.

De acordo com o autor da primeira carta de João, a experiência de comunhão com Deus não é algo voltado apenas para o céu, mas tem como consequência o amor ao próximo. Como filhos de Deus, os discípulos são chamados a viver na santidade, guardando o mandamento do amor e orientando toda sua vida segundo a esperança da ressurreição futura.

3. Evangelho (Jo 15,1-8)

No evangelho, Jesus apresenta uma instrução sobre a identidade de sua comunidade de discípulos e qual sua missão no mundo. Essa comunidade instituída por Jesus é o verdadeiro povo de Deus, descrita como os ramos de uma videira. A vinha, no Antigo Testamento, era o símbolo do povo escolhido. Agora, porém, Jesus é a verdadeira vinha, e o novo povo de Deus é o que se constrói com fundamento em Jesus. Ele formou uma comunidade de discípulos para produzir frutos, por isso o ramo que não produz vida nova em comunhão com ele, o Pai irá cortar. O Pai cuida de sua vinha; corta o ramo que não pertence à sua videira.

No contexto do Quarto Evangelho, esse ensinamento representa as últimas instruções para continuar a missão de Jesus. A nova comunidade nasce com a força do Espírito Santo, alicerçada no serviço e no amor mútuo. O lugar dos discípulos, nessa nova vinha, é ser os ramos que produzem frutos, permanecendo em profunda comunhão com Jesus. O verbo “permanecer” é a palavra-chave desse texto. Supõe que o discípulo já tomou sua decisão de vida de ser fiel ao seu chamado e à sua vocação, isto é, de oferecer a vida a exemplo de Jesus.

Jesus exorta os discípulos a renovar a adesão a ele, em função dos frutos que irão produzir. A união com Jesus é condição para existir verdadeira comunidade de fé, e o discipulado supõe o pôr-se a serviço da Igreja. Aquele que se desliga de Jesus é como o ramo seco. Quem renuncia à prática do amor renuncia a ter a vida plena, que consiste em estar unido ao tronco. O texto conclui que o destino do ramo seco é ser queimado, porque não serve para mais nada. Assim, todo aquele que permanece em Jesus produz fruto e tem a vida em plenitude, e os que se desligam dele são condenados à morte.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus é a verdadeira vinha de onde brotam os frutos da solidariedade, da acolhida, da caridade, da verdade e da paz. Ele forma uma comunidade que, à sua imagem, se deixa conduzir e cuidar pelo Pai; por isso, é frutífera e sempre se renova com as podas. O egoísmo, o isolamento, o afastar-se da comunidade levam os discípulos a se tornarem estéreis e até perder o sentido da vida. Por isso a proposta de Jesus é de uma vida autêntica, permanecendo fiel a ele.

No entanto, às vezes escolhemos nos distanciar de Jesus. O que é que nos leva a desligar-nos ou separar-nos da vinha verdadeira? O que nos impede de responder positivamente ao convite de estar sempre em comunhão com o Senhor? O que nos torna estéreis em sua comunidade? Quando conduzimos nossa vida pelos caminhos do egoísmo, da indiferença ao sofrimento dos irmãos, quando nos fechamos no comodismo, em nossos projetos pessoais, corremos o risco de não produzir frutos de justiça, secar e perder o vínculo com Jesus. Que ramos desejamos ser? De quais podas necessitamos para voltar a produzir os frutos de vida que Jesus espera de nós?

Como nos recorda o papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 23, o discipulado cristão é motivo

de alegria para quem opta pelo seguimento de Jesus. A alegria cristã, porém, jamais exclui a cruz e o sofrimento. A alegria do discípulo resulta da capacidade de cumprir a vontade do Pai, permanecendo no amor. O mestre Jesus foi exemplo consumado de amor até as últimas consequências.

6º DOMINGO DA PÁSCOA

9 de maio

O novo mandamento

I. INTRODUÇÃO GERAL

Celebramos hoje o 6º domingo da Páscoa e o dia das mães. Recordamos o papa Francisco de que não somos órfãos, porque a mãe de Jesus, ao pé da cruz, nos assumiu como filhos. Todos nós devemos a vida a uma mãe. Ser mãe é muito mais que colocar um filho no mundo; é a escolha de dar a vida com contínuos gestos de amor e cuidado. As mães sabem testemunhar sempre, mesmo nos momentos mais difíceis, a ternura, a dedicação, a força e os valores morais e éticos mais profundos que levamos conosco, para sempre, em nossa vida.

A primeira leitura relata a conversão e o batismo de Cornélio, centurião romano. Essa conversão indica que a comunidade cristã já desenvolve sua missão em ambiente pagão. Como comunidade de amor, a Igreja não faz acepção de pessoas, mas acolhe todos aqueles que abraçam a fé e desejam congregar-se como filhos e filhas de Deus. A comunidade cristã, desde seu início, anuncia que a salvação divina é oferecida a todos os povos. Jesus deu a vida para todas as criaturas; a leitura assinala que, para Deus, o decisivo não é a pertença a uma raça ou grupo social, mas a disponibilidade para acolher a oferta que Ele faz.

O texto do Evangelho de João nos recorda o amor de Jesus por cada um de seus discípulos; o Senhor pede uma resposta correspondente a esse amor, isto é, que vivamos

no âmbito de seu amor. Essa resposta de amor é própria do Espírito recebido: o amor que responde com amor. A comunidade é, pois, o lugar delimitado pelo amor de Jesus, onde são visíveis seus efeitos. A grande exortação das leituras deste domingo pode ser traduzida por estas palavras do Mestre: “Permaneço em mim, que eu permanecerei convosco”. Essa é a condição fundamental para produzir frutos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,25-26.34-35.44-48)

A primeira leitura nos fala da importância da missão do apóstolo Pedro fora de Jerusalém. Ele se encontra em Cesareia; como chefe da comunidade cristã, foi escolhido para ser instrumento da missão universal que Jesus confiou à sua Igreja. Assim, superando uma concepção exclusivista judaica, acolhe no seio da comunidade os novos convertidos, pois o batismo não pode ser recusado àqueles que se convertem mediante o anúncio da Boa-nova de Jesus Cristo.

Cornélio vai ao encontro de Pedro e prostra-se diante dele, reconhecendo-o como pessoa de grande dignidade. Pedro, entretanto, apresenta-se como simples e humilde servidor da comunidade. Assim ele se torna portador da mensagem do amor universal de Deus manifestado em Cristo; amor inclusivo, que vence as barreiras de raça e cultura e é oferecido a todos aqueles que se dispõem a entrar na dinâmica do amor universal de Deus.

Cornélio está entre os primeiros cristãos vindos do mundo não judaico; ele, juntamente com seus familiares, é oficialmente introduzido na comunidade cristã. Isso significou uma mudança de mentalidade por parte dos cristãos de origem judaica. No mundo judaico, o estrangeiro ou gentio era considerado impuro, mas a comunidade cristã tem consciência de que o anúncio querigmático é para todos.

2. II leitura (1Jo 4,7-10)

O autor da primeira carta de João tem a convicção de que Deus é amor. Segundo ele, a característica mais marcante do ser de Deus é o amor. Portanto, a atividade mais específica de Deus é amar a criatura humana. A maior prova do amor de Deus para com a humanidade foi o envio de seu Filho amado para a salvação de todos. O amor divino manifestado em Jesus Cristo não se resumiu apenas a palavras, mas se exprimiu em gestos concretos. Jesus acolheu os marginalizados e excluídos, cuidou dos doentes, perdoou aos pecadores e libertou os cativos de espíritos malignos.

João recorda que foi Deus quem nos amou primeiro. E se esse amor é incondicional, os batizados têm por missão expressar, por meio de gestos concretos, o amor divino. Quem conhece a Deus, quem tem uma vida íntima com ele, também deve ser capaz de ser generoso, de servir com gratuidade e externar o amor nas relações fraternas.

3. Evangelho (Jo 15,9-17)

No evangelho deste domingo, Jesus estabelece um paralelo entre a relação dos discípulos com ele e a sua relação com o Pai. Em ambos os casos, trata-se da fidelidade própria do verdadeiro amor. Cumprir os mandamentos equivale a manter-se no amor. O Mestre insiste na necessidade da prática como critério da união com ele. Não existe amor a Jesus nem a vida sob sua influência, se não há o compromisso com os irmãos.

O mandamento que constitui a comunidade de Jesus e lhe dá identidade é, ao mesmo tempo, o fundamento da missão. Jesus o enuncia pela segunda vez, agora em relação com o fruto. Comunidade e missão não são duas coisas distintas nem separáveis: onde não existe uma comunidade que ponha em prática o amor mútuo, a missão de Jesus não pode ser levada adiante. Da mesma forma que Jesus, em sua atividade pública, manifesta a presença do Pai entre as pessoas, assim também haverá

de fazê-lo sua comunidade de discípulos; mas Deus só está presente e ativo onde existe amor como o de Jesus, expressão máxima de seus mandamentos. Também não se pode proclamar a mensagem de amor sem se apoiar na experiência amorosa de Jesus; nem será possível oferecer uma alternativa ao mundo injusto sem criar comunidades justas e fraternas.

Identificada com Jesus e sua mensagem, a comunidade cristã tem plena consciência de realizar com dedicação as obras de Deus. Jesus realiza os mandamentos do Pai, expressando assim seu amor para com ele. Os discípulos realizam os mandamentos de Jesus, recebidos do Pai: expressam assim sua comunhão com seu Mestre e ficam vinculados ao Pai. Esse novo modo de expor a relação entre Jesus e o Pai, e depois a íntima comunhão com os discípulos, tira toda ambiguidade ao vínculo expresso antes sob a figura da videira. Essa união tão íntima com Deus se realiza mediante um amor que é resposta ao seu, mas Jesus exclui expressamente o amor e a adesão próprios de servos; trata-se de amizade que chega até a dar a vida pelos amigos. A missão da comunidade adquire assim uma dimensão nova: os discípulos não a exercem como assalariados, contratados para realizar o trabalho do Senhor e executar suas ordens, mas como amigos que compartilham da sua alegria na tarefa comum.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Os ensinamentos de Jesus no evangelho deste domingo são situados pelo evangelista João no contexto de despedida da última ceia. Jesus deixa claro aos seus discípulos que eles não ficarão sozinhos, pois estará sempre no meio deles. Este é o grande ensinamento dessa passagem do Evangelho: a comunidade de Jesus continuará na história, até o fim dos tempos, a sua missão. Jesus acompanhará para sempre seus discípulos. Nos momentos de crise, de desilusão, de frustração, de perseguição, ele estará sempre ao lado, dando força, coragem e agindo por meio da comunidade de fé.

Formação Desafios morais 2

*José Antonio Trasferetti,
Maria Inês de Castro Millen e
Ronaldo Zacharias (orgs.)*



464 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro é composto por artigos que tratam dos aspectos morais do caminho da formação eclesial, sugerindo novos panoramas e propostas de aperfeiçoamento que deixem de lado o medo, a invasão da consciência e a obediência cega, e valorizem a liberdade interior e a transparência. O intuito é oferecer instrumentos, sem decidir como será; é iluminar perspectivas, sem impor um caminho; é criar condições de discernimento, sem subestimar a capacidade de escolha dos formandos.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Cada discípulo é verdadeiro e inseparável amigo de Jesus. É ele quem nos chama, nos escolhe por sua livre iniciativa; partilha conosco o projeto do Pai, associando-nos à sua missão; estabelece conosco uma relação de proximidade, confiança, intimidade e comunhão. Diante de sua proposta, questionamo-nos: é ele o centro de nossa comunidade de fé? De nossas pastorais? Que lugar ocupa em nossa vida? Estamos de fato disponíveis para dar continuidade à sua missão?

Jesus não apenas diz: “Amai-vos uns aos outros”, mas complementa: “assim como eu vos amei”. Ele foi o primeiro a dar inúmeros exemplos da verdadeira forma de amar. Chama-nos de amigos, e não de servos; e fazer parte de sua comunidade de amigos supõe testemunhar, com gestos concretos, que somos capazes de amar todas as categorias de pessoas que Jesus ama. Não alimentar preconceitos, cuidar dos fracos, vulneráveis, esquecidos e marginalizados.

ASCENSÃO DO SENHOR

16 de maio

A missão universal dos discípulos

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na solenidade da Ascensão do Senhor, celebramos a conclusão do caminho percorrido por Jesus em sua missão terrena. Esta celebração sugere que Jesus nos deixou o testemunho de sua comunhão definitiva com o Pai e que esse é também o caminho de seus discípulos. Com a entrada triunfante de Jesus ao lado direito do Pai para partilhar de sua glória, a Igreja se enche de esperança de que ele nos precede na morada celeste, sendo esta o destino final de todo discípulo que guarda sua palavra.

O texto do Evangelho de Marcos relata que Jesus ressuscitado aparece aos seus discípulos, ajudando-os a vencer o medo e a desilusão de sua morte. O Cristo ressuscitado os envia

em missão, como testemunhas de seu projeto de salvação. De junto do Pai, ele continuará a acompanhar a comunidade dos discípulos, que agora são enviados ao mundo inteiro para proclamar a Boa-nova; por meio dos discípulos, a missão de Jesus não terá fronteiras.

A primeira leitura repete a mensagem central desta festa: Jesus, depois de ter apresentado ao mundo o plano salvífico do Pai, entra em comunhão definitiva com ele. Quanto aos discípulos, eles não devem permanecer olhando para o céu, mas devem ir adiante, percorrendo os mesmos caminhos do Mestre. A missão de Jesus começou na Galileia e terminou em Jerusalém. A missão dos discípulos começa em Jerusalém e se estende até os confins do mundo.

A segunda leitura convida os discípulos a ter coragem e esperança, pois foram chamados à plena comunhão com Deus. Devem caminhar nessa direção, unidos como membros de um único corpo, em comunhão com Cristo, que é a cabeça. Jesus permanece no corpo que é a Igreja e, dessa forma, faz-se presente na vida de todos os discípulos de todos os tempos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11)

O livro dos Atos dos Apóstolos é dirigido às comunidades cristãs, depois que já passou a expectativa da vinda em breve de Jesus. Os discípulos já tinham a consciência de que deviam continuar a missão de Jesus no cotidiano da vida. Eles são desafiados a apresentar uma doutrina sólida em meio a crises e confrontos com as sinagogas judaicas. É nesse contexto que Lucas tenta animar as comunidades. Agora são os cristãos que têm a tarefa de viver e apresentar o projeto iniciado por Jesus, é a Igreja que deve concretizar na história a Boa-nova por ele anunciada. Os cristãos são chamados a redescobrir seu papel de construtores de uma nova realidade, de um mundo mais fraterno e justo, sendo fiéis a tudo que Jesus lhes ensinou.

Na figura de Teófilo (amigo de Deus), Lucas projeta todo discípulo que lê sua mensagem. O protagonista da missão é o Espírito Santo, que assiste a Igreja, que guia e inspira cada discípulo. Lucas, depois de uma apresentação inicial, relata a despedida de Jesus depois dos 40 dias em que esteve presente entre os seus. É uma forma de expressar que Jesus cumpre a última promessa aos discípulos, a qual consiste no envio do Paráclito.

As palavras de despedida de Jesus destacam dois aspectos fundamentais: a vinda do Espírito Santo e o testemunho que os discípulos serão chamados a dar até os confins do mundo. O texto apresenta, em poucas palavras, as atividades missionárias das comunidades a quem Lucas se dirige. O Espírito Santo será enviado sobre toda a comunidade. Ele é um dom pessoal e comunitário; irá revestir a comunidade de força e coragem para testemunhar Jesus desde Jerusalém até Roma. Já no primeiro capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta o desenvolvimento da atividade missionária da Igreja, impulsionada pelo Espírito Santo.

Iniciamos também a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, cujo lema é “Permanecei no meu amor e produzireis muitos frutos” (cf. Jo 15,5-9). Vivemos tempos desafiantes de divisões e polarizações que criam barreiras e divisões entre nós e também com Deus. O texto inspirador desta semana da unidade nos convida a permanecer unidos em Cristo, nossa fonte de amor e comunhão.

2. II leitura (Ef 1,17-23)

A carta pastoral de Paulo aos Efésios provavelmente foi escrita quando o apóstolo se encontrava na prisão. O texto que a liturgia nos propõe está na introdução da carta, na qual Paulo agradece a Deus porque a comunidade de Éfeso acolheu a fé e vive a caridade. Essa comunidade expressa sua solidariedade às outras que se encontram em dificuldades. O texto foi

escrito em forma de ação de graças, como fervorosa oração a Deus para que os destinatários da carta conheçam a esperança à qual foram chamados.

Essa leitura apresenta dois conceitos muito importantes no ensinamento de Paulo para definir a relação de Cristo com a Igreja: Cristo é a cabeça, a Igreja é o corpo. Dizer que Cristo é a cabeça significa que ele e a comunidade formam uma realidade inseparável; que entre os dois existe uma comunhão de vida e de destino. Significa também que Jesus é o centro à volta do qual o corpo se organiza, se articula, cresce, se orienta e se constrói. Significa ainda que a Igreja, como corpo, está submetida à obediência a Cristo cabeça. A Igreja depende só dele e só a ele deve obediência.

3. Evangelho (Mc 16,15-20)

O relato da Ascensão de Jesus segundo Marcos destaca a missão universal dos discípulos; dotados de particulares poderes carismáticos, eles põem toda sua vida a serviço da missão no mundo. Jesus ressuscitado permanece presente na comunidade cristã e manifesta seu poder salvífico por meio da ação da Igreja. O texto ressalta o papel dos discípulos no mundo, após a partida de Jesus para o encontro definitivo com o Pai. De forma simples, a narrativa se apresenta em três cenas: Jesus ressuscitado define a missão dos discípulos; Jesus parte ao encontro do Pai; os discípulos são enviados ao mundo para realizar a missão que Jesus lhes confiou.

A primeira cena do relato consiste no envio missionário dos Doze, o que indica que foi depois da escolha de Matias. A missão que eles recebem tem caráter universal; são enviados a todo o mundo e não devem se deter em barreiras geográficas, étnicas ou culturais. A proposta de salvação que Jesus fez e que seus discípulos são chamados a testemunhar destina-se a todos os povos. O anúncio do Evangelho é para todos os povos e para todos os tempos. A boa notícia

destina-se a transformar todas as realidades que não estão em conformidade com o projeto de Deus.

A presença de salvação de Deus no mundo deve tornar-se realidade por meio da ação da Igreja. Comprometidos com Jesus, os discípulos são enviados a vencer toda forma de injustiça e opressão; serão arautos da paz e do entendimento da mensagem evangélica que anunciam. Muitos sinais acompanharão a missão dos discípulos; sinais de transformação do bem que vence o mal.

A segunda cena, que introduz Jesus na glória do Pai, sentando-se à sua direita, sugere que a missão de Jesus não termina na cruz, mas tem um final glorioso.

A terceira cena descreve a ação missionária dos discípulos, que partem em missão, em obediência ao Senhor ressuscitado. Eles deixam tudo pra trás, de forma mais radical que no primeiro chamado. É a fase da maturidade do discípulo que deixou tudo para seguir a Jesus: vivem no desapego os laços afetivos, não se prendem a um lugar, mas vão para onde a Igreja necessita. A fé no Ressuscitado faz que o discípulo missionário o anuncie com gestos e palavras, a fim de que a mensagem do Evangelho chegue a todos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Jesus foi ao encontro do Pai depois de doar totalmente a vida a serviço do Reino. Na sua ascensão, a Igreja recebe o mandato de perpetuar no mundo sua missão. Celebrar a Ascensão do Senhor significa, antes de tudo, tomar consciência de que a missão que recebemos em nosso batismo é dar continuidade à obra iniciada por Jesus. Ele deseja continuar sua missão por meio do testemunho de cada batizado. As leituras devem nos questionar se, como batizados, temos consciência de que somos enviados a realizar as mesmas obras que Jesus realizou, cuidar daquelas categorias de pessoas das quais ele cuidou. Trabalhamos para que as forças do mal sejam dissipadas

do meio de nós? Temos consciência de que somos enviados como membros de uma comunidade que luta pela vida, pela justiça, pela solidariedade e de que somos chamados a construir laços de fraternidade?

Ser discípulo missionário supõe, em primeiro lugar, aprender os ensinamentos de Jesus com base em suas palavras e gestos, em sua vida oferecida por amor. Somos continuamente desafiados a atualizar sua missão no hoje de nossa sociedade. A cruz das incompreensões também faz parte de nossa vida, como foi para Jesus. Seremos confrontados por valores, ideias e propostas que se opõem aos seus ensinamentos; as adversidades na missão podem nos levar ao desânimo, às desilusões e às frustrações. Por isso precisamos ser alimentados pela sua Palavra, que nos dá a segurança de que ele estará conosco até o fim dos tempos.

Na véspera de sua morte, Jesus orou pela unidade daqueles que o Pai lhe dera: “que todos sejam um... para que o mundo creia”. Unidos a ele, como ramos na videira, partilhemos a mesma seiva que entre nós circula e nos vitaliza.

Cada tradição procura nos levar ao coração de nossa fé: comunhão com Deus, por meio de Cristo, no Espírito. Quanto mais vivermos essa comunhão, mais estaremos conectados a outros cristãos e a toda a humanidade.

PENTECOSTES

23 de maio

A força do Espírito

I. INTRODUÇÃO GERAL

A solenidade de Pentecostes é a celebração da plenitude do mistério pascal; a comunhão com Jesus ressuscitado se completa com o dom do Espírito Santo. Em sua origem, a festa de Pentecostes, em Israel, marcava a colheita das primícias. Mais tarde, passou a ser relacionada com o evento salvífico da Aliança, selada no

caminho para a Terra Prometida, quando Deus entregou a Lei ao povo no Sinai. No tempo de Jesus, a festa já tinha adquirido este sentido: a entrega da Lei que norteou e orientou o povo escolhido. Na celebração, tornou-se tradição organizar romarias ao templo de Jerusalém para fazer memória desse grande evento. Foi nessa festa que os discípulos receberam o dom do Espírito Santo. Com sua força, os apóstolos tomaram a palavra, proclamaram Jesus Cristo como a Nova Aliança, selada com todos os povos. Assim, Pentecostes passou a ser já não uma festa restrita ao povo judaico, mas a festa da manifestação de Jesus para o mundo. O anúncio querigmático da obra redentora de Jesus passa a ser proclamado em todas as línguas, ressaltando o caráter universal da salvação por ele realizada.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,1-11)

No relato da primeira leitura, Lucas narra a manifestação do Espírito Santo no dia em que, na tradição judaica, se celebrava a o dom da Lei no monte Sinai, 50 dias depois da Páscoa. A descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, em forma de línguas de fogo, é descrita como o grande evento que lhes deu força e coragem para proclamar o Evangelho a todos os povos, representados em Jerusalém pelos romeiros da festa, que ouvem a proclamação cada qual em sua própria língua. Assim o Espírito vem continuar a obra de Jesus. Ele guia e impulsiona os discípulos a pregar o Evangelho do Mestre. A primeira comunidade cristã tinha sido reunida por Jesus durante sua vida. Mas o que foi tão decisivo no evento de Pentecostes, depois de sua morte e ressurreição? É que começou a proclamação ao mundo inteiro da salvação em Jesus Cristo, morto na cruz e ressuscitado. Para os antigos judeus, Pentecostes marcava a data da entrega da Lei ao povo escolhido, na teofania do Sinai. De modo semelhante, quando os apóstolos proclamam em Pentecostes a salvação em

O caminho da justiça na sabedoria dos Provérbios

Valmor da Silva



152 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra analisa ditados atuais em comparação com os provérbios bíblicos, mostrando que ambos ilustram as realidades ambíguas e paradoxais da vida e refletem a sabedoria popular. Além disso, aborda o imaginário bíblico proverbial sobre justiça, expondo suas principais figuras e metáforas. Discute ainda o conceito de justiça nos *Provérbios*. Por fim, comenta o desafio fundamental apontado pelo livro bíblico para a proposta da justiça: a realidade da pobreza.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Jesus Cristo, é constituído o novo povo de Deus. Não só Israel, mas todos os povos agora são alcançados, cada um em sua própria língua, em sua própria realidade e cultura.

A língua é não somente expressão da identidade cultural de um grupo humano, mas também a maneira de comunicar, de estabelecer laços duradouros entre as pessoas e criar comunidade. Falar em outras línguas é criar relações novas, é possibilitar a superação de círculos fechados entre si, do egoísmo, da divisão, do racismo, da marginalização, dos preconceitos e polarização de opiniões. O dom do Espírito Santo faz o inverso do que aconteceu em Babel, onde, por ambição desmedida, por orgulho e egoísmo, foram estabelecidas profundas divisões entre as pessoas. O dom do Espírito Santo reconstrói a unidade, as relações fraternas de caráter universal, dando nova identidade ao povo de Deus, capaz do diálogo, do entendimento e da comunicação. A vinda do Espírito marca o surgimento da nova humanidade, unida não pela força, mas pela partilha da mesma experiência interior, fonte de liberdade, comunhão e amor.

2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

Entre os primeiros cristãos de Corinto havia o costume de exercer o dom das línguas, no sentido de proclamar frases em línguas estranhas. Paulo, porém, adverte-os de que os dons não devem ser fonte de desunião. Os fiéis, com sua diversidade de dons, devem complementar-se, como os membros de um mesmo corpo. Esse é o grande milagre de Pentecostes, é a perfeita harmonia, fruto do Espírito, que insere todos no espírito de partilha e entendimento, falando a linguagem do amor e tendo os mesmos sentimentos.

A leitura mostra que os ministérios, dentro da comunidade cristã, são obra do Espírito Santo. É o mesmo Espírito que move as pessoas a colaborar na missão evangelizadora, segundo o carisma de cada um. Paulo, ao olhar para o interno da comunidade, chama as diversas

funções de carismas, dons da graça de Deus para o bem e a vida da comunidade. A diversidade de dons é fruto da ação do Espírito Santo, que inspira a todos, formando a unidade. Os diversos carismas não provêm de nossa ambição pessoal; por isso, quando postos a serviço da comunidade, promovem o enriquecimento de todos e não causam divisão.

3. Evangelho (Jo 20,19-23)

O Evangelho segundo João apresenta, em relação a Mateus, Marcos e Lucas, uma visão muito distinta sobre a exaltação de Jesus. A concepção joanina da exaltação de Jesus está intimamente relacionada com sua morte na cruz, ressurreição e dom do Espírito, pois sua morte é a obra em que Deus é glorificado. O lado aberto de Cristo, quando entrega a vida na cruz por amor, é fonte do Espírito para seus discípulos. Por isso, no relato joanino da ressurreição, Jesus aparece aos seus para lhes comunicar a paz e soprar sobre eles o Espírito Santo, a fim de retirar o pecado do mundo e continuar sua obra redentora.

O texto se inicia destacando a situação da comunidade dos discípulos após a morte de Jesus: o anoitecer, as portas fechadas e o medo compõem uma descrição que reproduz a situação de uma comunidade desamparada em meio a um ambiente hostil. Entretanto, Jesus ressuscitado aparece no meio deles; João relata dessa forma a experiência desse encontro, que muda radicalmente o espírito da comunidade. Assim, os discípulos redescobrem o centro de sua fé, sua referência, e tomam consciência da sua identidade cristã. Eles se dão conta de que a comunidade cristã só pode existir se Jesus está no centro. Jesus começa por saudá-los com a paz, o dom messiânico que esperavam. Nesse contexto, a paz significa, sobretudo, a transmissão da serenidade, da tranquilidade, da confiança que permitirão aos discípulos superar o medo e a insegurança. Agora, com a presença do Ressuscitado na comunidade, nem o sofrimento,

nem a morte, nem a hostilidade no mundo poderão derrotar os discípulos, porque têm a certeza de que Jesus está com eles.

Jesus lhes mostra os sinais de sua entrega total: o lado aberto e as mãos. As marcas de sua entrega permanecerão para sempre na memória dos discípulos. Depois vem a comunicação do Espírito pelo sopro, que recorda o sopro de Deus na criação. A comunidade se torna então plena de vida, à semelhança do ser humano, que se torna um ser vivente no relato da criação. Agora os discípulos possuem a vida em plenitude e estão capacitados, como Jesus, para ofertar a vida pelo bem da humanidade. Animados pelo Espírito, formam a comunidade da Nova Aliança e são chamados a testemunhar, com gestos e palavras, o amor de Jesus.

Por fim, Jesus explica a missão dos discípulos, que consiste em eliminar o pecado. Eles são chamados a testemunhar no mundo que Deus oferece o perdão àqueles que se convertem. E todos os que aceitam essa proposta são integrados na comunidade. Assim, a comunidade se torna mediadora da graça de Deus, de seu plano salvífico para toda a humanidade.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A experiência de Pentecostes nos lembra que, para se tornar cristão, ninguém precisa abandonar sua cultura, os valores de suas tradições. Todos os povos são convidados, nas suas diferenças, a acolher o projeto libertador proposto por Deus. A comunidade da qual fazemos parte é esse espaço acolhedor da fraternidade universal? Nela todos encontram lugar e são acolhidos no amor e no respeito, mesmo aqueles a quem não apreciamos ou que não fazem parte de nosso círculo de amigos?

É preciso ter consciência da presença do Espírito; é ele que nos alimenta, dá vida, anima, distribui os dons, conforme as necessidades. É ele que conduz a comunidade na sua caminhada na história. Ele foi distribuído a todos os batizados e reside na comunidade. Temos consciência da presença do Espírito,

procuramos ouvir sua voz e perceber suas indicações? Temos consciência de que, a despeito de termos responsabilidade nos ministérios que exercemos, não somos os únicos autorizados a falar em nome do Espírito?

O sopro de vida que recebemos do Espírito transforma o egoísmo em amor partilhado, o orgulho em serviço simples e humilde. É ele que nos faz vencer os medos, superar derrotas e fracassos, descrenças e desilusões, e reencontrar orientação, readquirir a audácia profética, testemunhar o amor e sonhar um mundo novo. É preciso ter consciência da presença contínua do Espírito em nós e nas nossas comunidades, e estarmos atentos aos seus apelos, indicações e questionamentos.

SANTÍSSIMA TRINDADE

30 de maio

Deus comunhão

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na tradição apostólica, os discípulos de Jesus são batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Essa comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo chamamos também de Trindade Santa. E o batismo em nome da Trindade comporta exigências precisas para os discípulos. A primeira delas consiste na comunhão fraterna eclesial, inspirada no modelo trinitário. Com a Trindade, os discípulos aprendem a construir uma comunidade a serviço uns dos outros, sem espírito de competição. Ninguém se sente superior aos demais, pois todos servem em diferentes ministérios. A exemplo da Trindade, buscam a comunhão e a corresponsabilidade.

A solenidade que celebramos é um convite para contemplar a comunhão entre as três pessoas da Santíssima Trindade, comunhão essa que resulta do amor. A gratuidade deve ser a marca característica do amor cristão. Esse ideal trinitário leva os discípulos a superar todas as formas de inimizade, contendas, rivalidades,

competições, críticas destrutivas e tantas outras atitudes que não contribuem para a unidade entre irmãos. Viver desunido é uma das muitas negações da fé. Em direção contrária, a fé trinitária busca a comunhão verdadeira e profunda, a exemplo do próprio Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

I leitura (Dt 4,32-34.39-40)

Na primeira leitura, o Senhor revela-se como o Deus que constrói laços profundos de amor, sempre tomando a iniciativa de estabelecer comunhão com seu povo escolhido. Ele vai ao encontro das pessoas, fala-lhes ao coração, indica caminhos seguros de vida, solidariedade, justiça e retidão. O livro do Deuteronômio destaca que a Aliança entre Deus e seu povo exige de Israel a prática dos mandamentos recebidos no Sinai. As diretivas que Deus propõe são caminhos de vida e de bênção na Terra Prometida, para que nunca mais Israel experimente a escravidão. Por isso, por meio de discursos colocados na boca de Moisés, o autor deuteronomista convida a comunidade de fé a contemplar sua história.

A relação entre o Senhor e Israel é extraordinária história de amor. A escolha por esse povo constitui iniciativa gratuita de um Deus que não elege um povo forte e numeroso, mas fraco, necessitado e oprimido. Por isso, o livro do Deuteronômio convida Israel a reconhecer que o Senhor é o único Deus e que o caminho que ele aponta, por meio de seus mandamentos, é de felicidade. A prática das normas por parte do povo escolhido garante a permanência na terra; são orientações justas, fraternas, solidárias, que marcam a identidade de Israel.

2. II leitura (Rm 8,14-17)

A segunda leitura continua a mensagem da primeira. Deus não é um ser distante, inacessível ou indiferente aos sofrimentos humanos. Paulo parte da realidade batismal,

isto é, da filiação divina que nos torna livres, pois todos recebemos o Espírito de liberdade, e não de escravidão. Nada nos é imposto, apenas nos é oferecido, e nossa adesão é também uma resposta de amor. Dessa forma, o apóstolo procura mostrar aos cristãos que, libertos do peso da lei humana, do pecado e da morte, em Jesus Cristo, deixaram a vida da carne – isto é, a vida de orgulho, egoísmo, autossuficiência e fechamento – para viver uma vida segundo o Espírito.

O batismo nos torna filhos de Deus e herdeiros de sua graça. A herança reservada a todos os batizados é a vida plena e definitiva. Segundo o ensinamento de Paulo, nosso Deus é relação; ele sempre vai ao encontro do ser humano para integrá-lo na sua família, oferecendo-lhe a salvação. Esse texto resume a essência do cristianismo: a paternidade divina é fonte de amor e misericórdia. E o privilégio de seus filhos é chamá-lo de “Abba” – Pai –, assim como na oração que Jesus nos ensinou. Para exprimir essa filiação, Paulo usa o termo “adoção”, no sentido de que tanto judeus como gentios são integrados na grande família de Deus. O novo povo escolhido já não é Israel, mas todos os batizados.

3. Evangelho (Mt 28,16-20)

O texto do Evangelho narra o envio dos onze apóstolos para a missão de evangelizar em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Em primeiro lugar, a missão consiste em fazer que todas as pessoas se tornem discípulas de Cristo, possibilitando-lhes entrar em comunhão com ele; em segundo lugar, acolhê-las no seio da comunidade, batizando-as em nome da Trindade. Os onze encontram Jesus na montanha, isto é, no mesmo lugar onde iniciaram seu discipulado durante a atividade pública de Jesus. É nesse lugar que Cristo confia aos discípulos a missão de ir a todos os povos, batizar e ensiná-los a observar tudo quanto ele lhes ordenou. Todos aqueles que recebem o batismo entram numa relação

específica com cada uma das pessoas da Trindade. A presença de cada uma delas na vida do batizado realiza ações diversificadas: Deus Pai se exprime como o criador que sustenta a obra da criação e tem um plano de salvação; o Filho assume a condição humana para dar visibilidade ao amor do Pai, entregando-se na cruz; o Espírito anima a comunidade de discípulos que Jesus instituiu.

Mateus situa o início da missão dos apóstolos na Galileia, onde Jesus também desenvolveu grande parte de sua missão. Essa região era muito povoada e favorecia o encontro de vários povos. Marcada pelo convívio dos judeus com outros povos diferentes, é considerada pelo evangelista o lugar apropriado para iniciar a missão universal da Igreja. O envio em missão sinaliza o último encontro dos onze com Jesus ressuscitado. A Igreja de Jesus é essencialmente missionária, e sua missão é testemunhar, no mundo, a proposta de salvação e libertação que Jesus veio trazer à humanidade, e que deixou nas mãos e no coração dos discípulos. A primeira nota desse envio missionário é a da universalidade da missão: os discípulos são enviados ao mundo inteiro. A segunda é a catequese de iniciação à vida cristã que a comunidade de Mateus já conhece.

O relato descreve, com precisão, a imagem da Igreja segundo Mateus. Ela não é somente comunidade de santificados pelo sacramento, mas também de praticantes de nova obediência. O discípulo se qualifica como tal pela tradução, na prática, do ensinamento do mestre. Jesus é apresentado como o Filho obediente ao Pai; sua palavra é um mandato e, como tal, dirige-se à nossa vontade, para que respondamos com nova obediência. Dirige-se aos discípulos como seres performativos, colocando-os perante novas tarefas missionárias. A práxis proposta é fazer aos outros o que o próprio Jesus fez com eles, amando-os até o fim.

A obediência ao mandato missionário é acompanhada de uma promessa. O Senhor

O sentido do humano entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia

Angela Ales Bello



192 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Na obra, o sentido da experiência religiosa para o ser humano é investigado do ponto de vista psicológico, filosófico-fenomenológico e, em particular, a partir da psicopatologia das religiões, revelando como a religiosidade constitui um centro de orientação para o ser humano. Assim, o livro oferece às ciências humanas uma perspectiva analítica e teórica para as investigações do campo religioso.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

assegura à Igreja sua presença contínua e perene. O judaísmo conhecia a presença de Deus entre os fiéis observantes da Lei. Aqui é Jesus quem garante, quem está presente no meio dos seus discípulos, isto é, daqueles que põem em prática sua palavra. A Igreja não foi deixada sozinha no seu longo e cansativo caminho histórico. Jesus Cristo a acompanha, sustenta, encoraja, purifica. Se Jesus de Nazaré indicou o caminho a ser percorrido, o Ressuscitado dá força para o trilharmos. O empenho encontra no dom da graça sua possibilidade radical. A comunidade dos discípulos experimenta a forte presença transformadora do seu Senhor. Cristo não veio somente para revelar as exigências definitivas do Pai, mas também para estar com os seus no caminho da obediência e do amor operante.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras escolhidas para esta solenidade nos convidam a contemplar o Deus que é amor, comunhão, família, comunidade missionária de batizados. Como cristão batizado, tenho sido coerente com a graça que recebi no dia do meu batismo?

Quem acolhe o convite divino apresentado por Jesus para integrar-se à comunidade trinitária torna-se testemunha dessa vida nova que Deus oferece. O papel dos discípulos é continuar a missão universal, que supera todas as barreiras geográficas, étnicas, culturais e sociais. Todo batizado, sem exceção, tem lugar na família de Deus. Tenho consciência de que sou enviado pelo Senhor a anunciar esse convite – dirigido a todas as pessoas de todos os tempos – para integrar a família de Deus?

Num mundo marcado por polarizações, divisões e intolerância às diferenças, como testemunhar essa espiritualidade de comunhão própria da Trindade Santa? Que atitudes, inspirados na Trindade, devemos cultivar para superar preconceitos e divisões?

SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO

3 de junho

Alimento do cristão

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia desta solenidade nos oferece a possibilidade de conhecer a espiritualidade da Aliança na sua origem veterotestamentária e sua aplicação no sacramento da Eucaristia. A primeira leitura nos lembra que Israel experimentou seu Deus como Aquele com quem tinha uma aliança. Moisés foi o grande mediador dessa aliança, em vários momentos, como na promulgação da Lei no Sinai e nos sacrifícios de animais oferecidos com aspersão de sangue no altar; este era um sinal de que Deus e o povo estavam unidos pelo mesmo sangue.

A plena realização desse modelo de aliança ocorre em Jesus Cristo. Em seu sangue derramado na cruz, foram unidos Deus e seu novo povo. As palavras da Nova Aliança foram pronunciadas no contexto da última ceia: “este é o cálice do meu sangue, que é entregue por todos vós”. Também o pão partido e distribuído se transformou em sinal sagrado daquele que se doaria por seus irmãos até o fim. É a Nova Aliança. Deus novamente unido com seu povo, já não por laços de amizade, mas pela própria vida do Filho, doada em corpo e sangue.

A tradição cristã interpretou, de forma simbólica, o sangue e a água jorrados do lado de Jesus, transpassado pela lança. Entende-o como o nascimento da Igreja, a partir de seu lado aberto. A água evoca o batismo, e o sangue, a Eucaristia: dois sacramentos basilares do discipulado cristão. O batismo compromete o discípulo com o projeto de Jesus, de modo a assemelhá-lo ao Mestre no pensar e no agir. A Eucaristia confronta o discípulo com o mistério cristão e o leva a renovar o compromisso na fidelidade, mesmo devendo passar pela paixão e morte de cruz.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 24,3-8)

No Sinai, Deus apareceu para concluir a aliança com seu povo: Ele oferece aliança, o povo se dispõe a observar suas instituições. Antes da leitura do documento da Aliança, Moisés asperge, com o sangue da Aliança, o altar, sinal da presença divina; depois da leitura, asperge o povo. Esse gesto significa a comunhão do povo escolhido com o Senhor. O povo escolhido se compromete com palavras a manter a Aliança: “Faremos tudo quanto nos disse o Senhor” (v. 7). Assim, essa aliança, celebrada com sangue de animais, selava o compromisso de obediência por parte de Israel, que reconhecia todos os benefícios recebidos no deserto, rumo à Terra Prometida.

A celebração anual é um meio de manter viva na memória a escolha amorosa de Deus; em resposta à predileção divina, os rituais são estabelecidos para perenizar a história de libertação e marcar que, dali em diante, Israel pertence ao Senhor. Não é o sangue que salva, mas o que ele representa. No sacrifício da Aliança, somente animais podem ser vítimas, porque a intervenção poderosa do Deus da Aliança retirou Israel de uma situação de morte para levá-lo a uma vida digna, de proximidade com ele.

2. II leitura (Hb 9,11-15)

A carta aos Hebreus ressalta constantemente a plenitude do sacrifício e do sacerdócio de Jesus; ele é o verdadeiro sumo sacerdote, pontífice, o mediador entre Deus e a humanidade que não recorre a subterfúgios, como sangue de animais, incapazes de substituir sua doação plena na cruz. Jesus ofereceu-se a si mesmo em um único e definitivo sacrifício. Seu sangue derramado teve como único fim reconciliar a criatura humana com Deus, e esse ato já não precisa ser repetido. Assumindo a rejeição, passando por morte violenta e perdoando, em nome de seu Pai, toda incredulidade e ódio, Jesus se

torna o mediador da Nova Aliança. Impelido pelo Espírito Santo, entrou no santuário livremente, mediante o sacrifício de seu sangue, pelo qual todos fomos purificados. Para os cristãos, ele é o sacrifício e o sacerdote ao mesmo tempo.

A mensagem dessa carta apostólica é que o culto da Antiga Aliança foi substituído pelo sacrifício de Jesus e, portanto, os cristãos não devem abandonar a vida cristã. Assim como o sumo sacerdote, no Antigo Testamento, tinha direito de acesso ao Santo dos Santos por carregar o sangue dos animais, a vida de Jesus, oferecida em sacrifício, dá-lhe o direito de acesso ao santuário celestial. A ênfase está no sacerdócio eterno de Jesus, em contraposição ao sacerdócio transitório do AT; ressalta-se a eternidade do sacrifício único de Jesus, em contraposição aos sacrifícios de animais repetidos pelos sacerdotes no dia da expiação. Jesus, como vítima sem mancha, redimiu toda a humanidade por sua oferta na cruz.

3. Evangelho (Mc 14,12-16.22-26)

Os sinóticos caracterizam a última ceia de Jesus com seus apóstolos como a refeição pascal, celebrada pelo Senhor em antecipação dos acontecimentos que estão para se cumprir. O sentido dessa refeição está nas próprias palavras de Cristo: seu corpo e seu sangue doados por todos como sacrifício da Nova e Eterna Aliança. Na perspectiva teológica do evangelista Marcos, Jesus celebra a última ceia pascal no primeiro dia dos Pães Ázimos, quando se imolava o cordeiro. O relato põe em evidência que é o próprio Jesus quem orienta os discípulos e prepara sua páscoa, na qual se realiza a plena libertação, a Nova Aliança no seu sangue.

Marcos tem o cuidado de inserir, como pano de fundo da ceia pascal de Jesus, o texto eucarístico transmitido pela tradição litúrgica. Dessa maneira, no tocante às palavras de Jesus sobre o pão e o vinho, tem-se a certeza de que foi conservado seu sentido genuíno, graças ao testemunho vivido

de toda a comunidade cristã. Jesus, como mestre e guia de seu grupo de discípulos, preside a mesa e, portanto, pronuncia a bênção ou oração de agradecimento sobre o pão, antes de distribuí-lo aos convivas. Ele, contudo, dá um sentido novo àquele gesto ritual. Seus amigos estavam acostumados a comer juntos com Jesus, mas, na sua experiência de vida junto a ele, conheceram momentos em que a refeição tinha assumido um significado novo. Na véspera de sua morte, não eram necessárias muitas palavras, mas o essencial: “Isto é o meu corpo, que é doado por vós”. Ele se doa totalmente, antecipando o gesto de doação plena que acontecerá na cruz.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé da Igreja na presença do Senhor ressuscitado no mistério da Eucaristia remonta à origem das primeiras comunidades cristãs. O Evangelho de Marcos nos dá, nesta liturgia, um dos relatos da instituição da Eucaristia. A solenidade do Corpo e Sangue de Cristo foi instituída há mais de oito séculos, numa época em que se comungava pouco, pois muitas comunidades estavam tendo dúvidas acerca da presença real do Senhor na Eucaristia. Jesus, nessa ceia, compromete-se radicalmente, suas palavras durante a ceia levam ao cumprimento pleno do que anunciam. O sacramento da Eucaristia é alimento de nossa doação e serviço aos irmãos? A Eucaristia é vital para nossa vida de fé?

O gesto levado à plena realização por Jesus é também chamado de ação de graças. Por conseguinte, a Eucaristia é muito mais que um banquete, constitui precisamente o memorial da Páscoa de Jesus; não é apenas uma recordação ou lembrança, mas para nós, cristãos, tem o sentido de participação no mistério da sua paixão, morte e ressurreição e de comunhão profunda com ele. Comungar o corpo e sangue do Senhor é comungar de sua missão de servir e doar a vida. Ele mesmo

garantiu: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue terá a vida eterna” (Jo 6,54); isto é, participamos de sua vida quando entramos na mesma dinâmica e espírito de sua proposta de salvação.

10º DOMINGO DO TEMPO COMUM

6 de junho

Destruição de satanás

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos põem no caminho do discernimento para identificar as obras que vêm de Deus e as obras que são do maligno. O evangelho relata a volta de Jesus para casa, em meio à sua missão. Seus familiares se deixam influenciar por opiniões negativas acerca de seu ministério e concluem que Ele estava ficando louco. Os escribas julgam que Jesus expulsa os demônios porque compactua com estes. O Mestre, porém, demonstra que sua atividade libertadora se opõe aos poderes do mal e que sua missão é revelar o Deus verdadeiro.

A primeira leitura é uma narrativa poética do diálogo entre Deus e o primeiro homem e a primeira mulher, depois de serem tentados e enganados pela serpente. O orgulho de querer ser igual a Deus tem como resultado a perda da condição de felicidade. Eles tomam consciência de sua nudez, isto é, da perda da proteção proveniente da fidelidade a Deus; com o pecado, tornaram-se vulneráveis às tentações.

Na segunda leitura, Paulo mostra que sua força carismática é fruto de seu espírito de fé. Sua fé é dom do Espírito Santo; por isso, as tribulações não apagam seu ardor missionário. A fé na ressurreição faz que sua vida apostólica seja pautada pela esperança futura. Por isso, o apóstolo diz, com convicção, que as alegrias da vida futura em Cristo em nada se comparam com os sofrimentos presentes.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Gn 3,9-15)

O relato da queda de Adão e Eva não quer explicar, do ponto de vista histórico, como o pecado entrou no mundo, mas sim apresentar questões existenciais que o ser humano enfrenta acerca de quem somos, qual é o sentido de nossa existência, por que o mal se instalou no mundo. A primeira parte do livro de Gênesis retrata, de forma poética, lições catequéticas importantes para Israel, sobretudo no período do exílio.

O texto desta liturgia faz parte do segundo relato da criação, o qual descreve a transgressão não como algo que vem de Deus, mas como consequência das escolhas humanas. Deus, porém, toma a iniciativa de ir ao encontro da criatura humana e dialogar sobre suas escolhas erradas; a pedagogia divina parte do princípio de não condenar ou julgar, mas questionar, para proporcionar consciência sobre as consequências do mal.

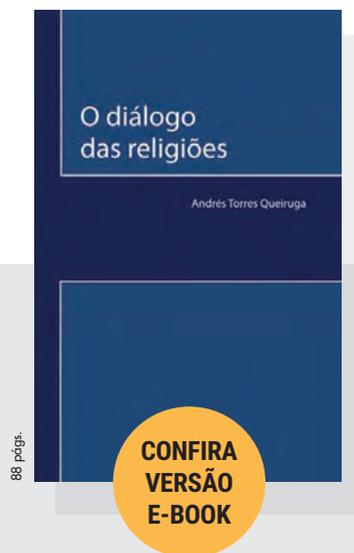
A primeira pergunta que Deus faz ao homem e a mulher é: “Onde estás?” Ela não tem por objetivo indagar o lugar geográfico onde se encontram, mas sim o lugar existencial. A desobediência faz que homem e mulher percam o rumo enquanto pessoas. A transgressão leva-os ao sofrimento, ao medo, a ter dificuldades de se relacionar com Deus na serenidade. Os questionamentos que o Senhor faz é para ajudá-los a retomar o caminho do Bem. As respostas deles consistem em se desculpar, desresponsabilizar e autojustificar, dizendo que foram enganados. Por meio do diálogo, Deus os faz tomar consciência de que usaram mal de sua liberdade e realizaram escolhas erradas. Eles podiam ter recusado a proposta da serpente. No final, Deus não condena o ser humano, apenas a serpente recebe punição, porque usou de mentira.

2. II leitura (2Cor 4,13-5,1)

A segunda leitura é endereçada aos cristãos de Corinto. Paulo fala de seu testemunho

O diálogo das religiões

Andrés Torres Queiruga



O livro trata com clareza e honestidade de temas urgentes como o fundamentalismo religioso, a instrumentalização dos credos religiosos para fins terrivelmente bélicos e a inquietude espiritual diante do crescente contato direto entre diversas religiões que existem em paralelo no mundo atual, cada vez mais unificado. Com isso, procura ser ajuda no diálogo e ânimo para uma práxis renovada.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

evangélico a respeito da ressurreição de Cristo e da nossa. Isso é o que o torna firme. Mesmo que agora estejamos na tribulação, frágeis como vasos de barro, esse sofrimento é leve em comparação à grandeza da glória que iremos experimentar no futuro, junto de Deus. Segundo Paulo, nossa morada neste mundo é passageira e será desfeita. Somos chamados à comunhão com Deus e com os irmãos para toda a eternidade. O apóstolo fala daquilo que acredita e se deixa mover em sua missão pela fé; ele estabelece um contraste nítido entre este mundo, marcado pelas tribulações e sofrimentos, de coisas passageiras e fugazes, e as alegrias futuras, na habitação eterna ao lado de Deus.

A atitude de Paulo diante das tribulações serve de modelo para os cristãos de todos os tempos em seus momentos de provações, sejam aquelas advindas da missão, sejam as que surgem das circunstâncias da vida. É a atitude de fé e de confiança em que não fomos criados apenas para este mundo, mas para a comunhão eterna. A comunhão eclesial que somos chamados a viver pelo batismo é pequena faísca da comunhão na eternidade.

3. Evangelho (Mc 3,20-35)

Com este relato, Marcos completa a apresentação das categorias de pessoas que estão ao redor de Jesus. Faltavam apenas seus parentes e os escribas vindos de Jerusalém. Parece que a intenção do evangelista é mostrar quem são os verdadeiros irmãos de Jesus e quem são seus inimigos. Aqueles dois grupos de pessoas fazem dois julgamentos sobre Jesus: os parentes diziam que ele havia enlouquecido, e os escribas, que estava possuído por Belzebu.

A aglomeração da multidão em torno da casa onde Jesus se encontrava suscita preocupação nos parentes de Nazaré e sua intervenção. Esse é um traço característico de Marcos, empenhado em explicar que os

parentes e familiares temem que a maneira de Jesus exercer seu ministério possa trazer problemas para a família. Isso também explica o fracasso de sua pregação em Nazaré, onde ele afirmou que nenhum profeta era aceito em sua própria terra.

Se os parentes procuram neutralizar a ação de Jesus em nome da normalidade e do equilíbrio, os escribas mais refinados se tornam extremamente duros em suas críticas, buscando gerar um descrédito total ao afirmarem que Jesus age por meio do príncipe dos demônios. A essa dupla acusação, Jesus deixa claro que não está louco, sobretudo ao narrar a parábola do homem forte, fazendo alusão à sua vitória. Diante da acusação de que seu poder vem de satanás, afirma ser este um insulto ao poder de Deus, um pecado contra o Espírito Santo. Por isso, tal atitude de rejeição e fechamento à proposta salvífica de Deus não tem perdão. O pecado contra o Espírito não tem remissão não porque seja mais grave que todos os outros, mas porque inclui em si a rejeição ao perdão, excluindo a atitude de fé e de conversão. O evangelista, por meio desse relato, faz um questionamento fundamental aos discípulos: Quem é Jesus para eles? Para segui-lo, é preciso ter clareza de sua real identidade. Para estabelecer uma relação de familiaridade com ele, é necessário seguir seu exemplo. Jesus é o primeiro a fazer a vontade do Pai, e sua obediência acarreta rejeição e incompreensão. Continuar no mundo sua missão significa fazer também a vontade do Pai, como pedimos continuamente na oração que Jesus nos ensinou, o pai-nosso.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Fazer parte da família de Jesus é a vocação de cada batizado. Todos são chamados a participar da comunidade de discípulos que Jesus instituiu. Ele é o centro da vida

cristã, e sua única missão é fazer a vontade do Pai, eliminando o espírito do mal que oprime as pessoas.

Como batizados, escolhemos trilhar os mesmos caminhos de Jesus. Isso implica necessariamente renunciar às obras do mal, como nos recorda a liturgia do batismo. Assim como Jesus estabelece clara distinção entre o serviço a Deus e o poder de satanás, somos chamados, desde o primeiro momento de nossa vida cristã, a renunciar às obras do mal, não caindo em suas ciladas, como fizeram o primeiro homem e a primeira mulher. Somos chamados a continuamente fazer nossa profissão de fé. As leituras deste domingo nos convidam a sempre discernir a realidade da vida à luz da fé, da proposta divina; a perseverar no diálogo amigo com Deus; a ser verdadeiramente membros da família de Jesus.

11º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de junho

Parábola da semente

I. INTRODUÇÃO GERAL

O evangelho deste domingo apresenta Jesus falando dos mistérios do Reino de Deus em parábolas. Por que Jesus fala em parábolas? Os sábios mestres de seu tempo ensinavam em linguagem parabólica. Era um modo comum, pois as parábolas eram retiradas de realidades do dia a dia, muito familiares aos ouvintes. Numa sociedade rural, falar de lançar a semente na terra era referir-se a algo de conhecimento geral. O processo de semeadura e de crescimento da semente todos conheciam; sabiam que era devagar e que, para dar frutos, eram necessários tempo e cuidado. Jesus aplica essa metáfora para falar do processo de discipulado, que exige o tempo do anúncio, a espera da adesão e a conversão, para dar frutos na comunidade.

Na primeira leitura, o profeta Ezequiel assegura ao povo de Deus, exilado na Babilônia, que Deus permanece fiel à sua Aliança e mantém firmes as promessas feitas no passado. Apesar dos desafios enfrentados pela dispersão do povo escolhido, Israel deve permanecer fiel à sua identidade, pois nenhum lugar, nenhuma situação deve fazê-lo deixar de ser um povo que segue os preceitos divinos.

A segunda leitura nos lembra que a vida terrena é marcada pela finitude e pela transitoriedade. Portanto, deve ser vivida como uma peregrinação ao encontro de Deus. Paulo continua a exortar os cristãos de Corinto a meditar sobre a existência humana à luz da morte, concebida como o fim do exílio do corpo, como a destinação final de uma peregrinação pelo mundo. O corpo é comparado a uma tenda provisória, pois nossa morada definitiva é a comunhão eterna com Deus e os irmãos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 17,22-24)

A primeira leitura fala do ramo de cedro que se torna arbusto, imagem apresentada sob forma de oráculo contra o rei de Judá, Joaquim, que fez aliança com o faraó do Egito, atraindo a ira do rei da Babilônia, Nabucodonosor. As alianças políticas da época trouxeram submissão, guerra, empobrecimento e sofrimentos ao povo. O rei da Babilônia passa a dominar Israel, depõe o rei Joaquim e escolhe Sedecias como novo rei. Como vassalo de Nabucodonosor, o rei de Judá é forçado a pagar pesados tributos à Babilônia. Por fim, ele leva Israel a fazer nova aliança com o Egito, na tentativa de se libertar do jugo babilônico; com isso, a Babilônia, que era politicamente mais forte, pois tinha um aparato militar mais organizado, invade Judá e deporta parte da população. É nesse contexto que Ezequiel proclama sua profecia por meio de enigmas.

A mensagem do enigma é dirigida aos exilados, que não devem ter falsas ilusões. O exílio não será breve. Contudo, Deus não abandonará Israel, nem mesmo no exílio e na dispersão. Assim, o oráculo de salvação proferido pelo profeta é a certeza de que Deus é maior que qualquer autoridade humana, por mais dominadora que possa ser. O poder dos impérios é passageiro e acaba por si mesmo. Deus é o Senhor da história e está sempre presente, não importa onde seu povo esteja. O exílio trouxe grande mudança para a concepção de Israel sobre Deus; agora fica evidente o cuidado amoroso de Deus, como aquele amigo fiel que em nenhuma circunstância abandona seu povo, mas buscará novos caminhos para conduzi-lo na justiça e na liberdade.

2. II leitura (2Cor 5,6-10)

Este texto de Paulo aos coríntios toca o coração de seus leitores e ouvintes. O apóstolo recorda que estar no corpo é como estar no exílio, fazendo uma alegoria com o período histórico em que Israel se sentiu distante de Deus por estar longe da sua terra e do seu lugar sagrado. A leitura nos deixa como mensagem que a vida na terra é passageira. O tempo de exílio neste mundo se caracteriza por um conhecimento parcial de Deus; é o tempo que exige fé, enquanto ansiamos pelo tempo do encontro face a face com o Senhor.

Contudo, Paulo não tem uma visão negativa da vida neste mundo, ao contrário: enquanto aguardamos o tempo do encontro com Deus, devemos viver de maneira digna, como preparação para o final do exílio. Enquanto habitam neste mundo – o que, na linguagem do apóstolo, consiste em habitar o corpo mortal –, compete aos cristãos viver de acordo com as exigências de Deus; caminhar à luz da fé, assumindo todas as responsabilidades de discípulos comprometidos com Cristo na construção do Reino de Deus.

A perspectiva da vida plena que nos espera para além desta terra deve estar sempre no horizonte de todo batizado que caminha na história iluminado pela fé na ressurreição e pelo compromisso fiel com aquele que nos chamou para ser seus discípulos.

3. Evangelho (Mc 4,26-34)

A realidade do Reino de Deus retratada por Marcos na parábola pode ser comparada com aquilo que se verifica quando um agricultor lança a semente e depois continua sua vida ordinária até a colheita. Esse pequeno exemplo da vida do camponês serve para esclarecer um aspecto da situação do ser humano perante o Reino de Deus. O ponto de confronto é sugerido pelo contraste entre o pequeno começo do germinar e a grandeza do resultado final, quando a semente se torna planta e frutifica. Esse é o trabalho do discípulo que anuncia a Boa-nova do Reino. Anunciar a Palavra é como lançar sementes, e com certeza Deus as fará frutificar. A semente tem vida própria, isto é, tem o potencial de germinar, de se tornar planta e frutificar. Igualmente o Evangelho semeado no coração das pessoas tem o potencial de tocar o coração, converter e transformar aquele que ouve em discípulo comprometido com Cristo.

A narrativa do grão de mostarda destaca que essa semente tão pequena tem um destino surpreendente, para uma planta considerada de pequeno porte. Sua pequenez lembra que o discipulado instituído por Jesus também teve um início pequeno, mas com certeza se desenvolverá de forma gigantesca e surpreendente. A Palavra semeada tem em si a força de frutificar. Por isso, os discípulos devem semear com essa esperança. Os frutos são uma realidade certa, como a da semente de mostarda, que se torna grande hortaliza.

Não é por acaso que Jesus escolhe a semente de mostarda. Essa planta tem como característica se espalhar por si mesma, uma vez semeada em um ambiente. A mostarda

não precisa ser continuamente semeada ou replantada; é uma espécie de hortaliça que se multiplica continuamente por si mesma. Essa parábola mostra o contraste entre a pequenez da semente e o tamanho da árvore, entre o começo insignificante e o fim maravilhoso. Com essa pequena comparação parabólica, Jesus faz aos discípulos o convite à esperança e à confiança que o Reino de Deus, uma vez semeado, frutificará com certeza. Não obstante os humildes inícios da ação de Deus para tornar manifesta e operante sua justiça e o triunfo da liberdade na pessoa e na obra de Jesus, sua manifestação final levará toda a história humana à plena justiça e liberdade. Seu projeto de salvação acolhe a todos, como a árvore que acolhe os pássaros do céu.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras deste domingo garantem-nos que Deus tem um projeto para a humanidade, e Jesus apresenta com clareza em que consiste esse projeto de amor. Nas suas palavras, nos seus gestos, Jesus propôs um caminho novo, nova realidade: lançou sementes de transformação dos corações, das mentes e das vontades, de forma que a vida das pessoas e da sociedade fosse construída segundo o desejo de Deus. As sementes que Jesus lançou não foram em vão; estão entre nós e crescem pela ação de Deus. A nós cabe acolher e deixar que Deus realize sua ação em nós. Como discípulos missionários de Jesus, temos também a missão de semear as sementes do Reino no coração das pessoas ao nosso redor.

A referência à pequenez da semente, na segunda parte do evangelho, convida-nos a rever nossos critérios de atuação no serviço à Igreja e nossa forma de olhar o mundo e os irmãos. Às vezes não damos importância ao simples, ao pequeno e às coisas que nos parecem insignificantes, nas quais Deus se revela. Ele está nos humildes, nos pobres, nos pequenos, nas crianças, nos que renunciam

Pedagogia da presença

O saber estar, saber sentir, saber servir do catequista

Pe. Eduardo Calandro,
Pe. Jordélio Siles Ledo e
Pe. Rafael Gonçalves



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra propõe um itinerário, fundamentado na parábola do Bom Samaritano e na prática de serviço presente no lava-pés, que levará o catequista a viver a “presença” em sua missão, por meio da acolhida, do cuidado com o outro e do empenho para que ninguém fique à margem do caminho. Algumas competências desenvolvidas são o equilíbrio afetivo, o senso crítico, a unidade interior e a capacidade de diálogo para estabelecer boas relações.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

a esquemas de triunfalismo e ostentação; e é deles que se serve para transformar o mundo. A parábola da semente lançada na terra nos traz grandes ensinamentos, sobretudo o de não nos deixarmos levar por tentações de ostentação, orgulho, prepotência e não reconhecimento da ação divina nos pequenos acontecimentos.

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM
20 de junho

A tempestade acalmada

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos fazem refletir sobre o sentido do sofrimento humano e sobre a certeza de que, nas adversidades e tempestades da vida, o Senhor caminha conosco. As provações que a vida nos apresenta não são sinais da ausência de Deus, pois ele se preocupa com os dramas humanos, cuida da criação com amor, inspirando e apontando caminhos de superação.

A primeira leitura nos diz que o Senhor é forte e se manifesta por meio das forças da natureza. Apresenta o lamento de Jó, que finalmente recebe a resposta divina. Deus lhe fala como verdadeiro amigo e companheiro, sempre presente com sua força majestosa, capaz de dominar a natureza. Jó, por meio de sofrimentos e provações, aprende que há alguém maior do que seu sofrimento.

No evangelho, Marcos narra a história da tempestade acalmada para refletir sobre as dificuldades da Igreja primitiva depois da partida de Jesus. A comunidade enfrentou enormes adversidades, que se assemelhavam a uma grande tempestade em alto-mar. Somente a presença de Jesus consegue devolver a calma e possibilitar o prosseguimento da viagem com serenidade e tranquilidade.

A segunda leitura garante-nos que nosso Deus não é um Deus indiferente, que abandona o ser humano à própria sorte. Paulo recorda que Cristo se entregou à morte por

nós e fomos redimidos por seu amor, por isso morremos para o pecado para ter a vida em plenitude com Ele.

Neste domingo celebramos também o dia mundial do migrante e do refugiado. O papa Francisco nos recorda que as pessoas deslocadas nos proporcionam a oportunidade de encontrar o Senhor, mesmo que nossos olhos sintam dificuldade em reconhecê-lo com as vestes rasgadas, os pés sujos, o rosto desfigurado, o corpo chagado e a cultura diferente da nossa.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jó 38,1.8-11)

O livro de Jó pertence à literatura sapiencial do Antigo Testamento e traz uma reflexão fundamental para a existência humana: por que o justo sofre? A concepção do sofrimento, no mundo antigo, fundamentava-se na crença de que ele era consequência do pecado. Acreditava-se que as tribulações eram castigo de Deus. O livro de Jó consiste neste grande questionamento: por que o justo que segue os caminhos de Deus pode sofrer tanto?

O personagem Jó é um homem justo, íntegro diante de Deus e das pessoas; repentinamente lhe sobrevém toda sorte de desgraças. Ele perde todos os bens que havia conquistado na vida, depois perde a família e, por fim, a saúde. Então dirige a Deus grande lamento e se interroga acerca da origem de seu sofrimento e de qual é o papel de Deus nessa sua situação. Seus amigos tentam convencê-lo de que suas desgraças são consequência dos pecados por ele cometidos. Jó tem consciência de sua integridade diante de Deus, por isso se recusa a aceitar essa explicação, não condizente com a verdade. Sua atitude questiona uma doutrina que precisava ser superada, segundo a qual seu sofrimento era simplesmente castigo de Deus.

Como Jó rejeita essa explicação tradicional para o drama do sofrimento, dirige-se àqueles que o acusam de pecador e passa ele

mesmo a dar nova explicação. Ele dialoga com o próprio Deus, em forma de lamento, queixas, dúvidas e revoltas, mas com confiança e esperança de que Deus lhe responderá. E, de fato, Deus lhe responde, recordando-o de seu lugar de criatura limitada e finita. Mostra-lhe também sua preocupação e seu amor por cada pessoa. A história termina com Jó percebendo seu lugar e reconhecendo a grandeza da transcendência divina, a qual o ser humano jamais poderá compreender.

2. II leitura (2Cor 5,14-17)

O texto da segunda leitura é fortemente marcado pela ideia da morte. Paulo nos diz que formamos com Cristo uma unidade; seu amor por nós é tão grande, que de algum modo nos identificamos com Ele. Os destinatários da carta são os membros da Igreja de Corinto, a qual esteve em conflito com o apóstolo; havia nessa comunidade um espírito de divisão, por isso Paulo propõe uma reflexão sobre a profunda unidade entre nós e Cristo. O único objetivo da missão paulina é levar o amor de Cristo ao conhecimento de todos. Ele morreu por todos, a fim de que todos compreendessem a lição de um amor que foi até as últimas consequências. Assim, contemplando o Cristo que oferece sua vida aos irmãos, quebram-se as barreiras que dividem as pessoas. E essa Boa-nova absorve completamente o apóstolo.

O Evangelho paulino tem como centro de pregação a revelação de Deus na pessoa do Crucificado. Assim como o encontro com Jesus ressuscitado transformou sua vida, Paulo deseja que todos os cristãos façam também sua experiência com o Cristo morto na cruz e ressuscitado.

3. Evangelho (Mc 4,35-41)

Na narrativa do milagre da tempestade acalmada destaca-se a serenidade de Jesus, que dorme na popa. À tranquilidade de Jesus se opõe o medo, que torna os discípulos

descontrolados e agressivos: “Mestre, não te importas que pereçamos?” Nesse pano de fundo, com os elementos da natureza ameaçadores e os discípulos amedrontados, sobressaem a segurança e o domínio de Jesus. Ele não responde imediatamente aos discípulos, mas repreende o vento e o mar com sua palavra. O medo dos discípulos cede lugar à fé; o milagre os faz progredir na descoberta da pessoa de Jesus. Nesse ponto, o relato do milagre deixa de ser a simples descrição de um episódio dramático no lago e torna-se evocação de uma experiência de fé. Essa nova dimensão do gesto de Jesus se obtém graças à releitura da ação libertadora de Deus na história do povo escolhido.

A interrogação final dos discípulos: “Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?” é uma confissão de fé. O sentimento de temor que toma conta dos discípulos, na concepção bíblica, significa a admiração do ser humano diante do divino. Desse temor se origina a obediência, a adesão e a confiança da parte do ser humano. Tal atitude positiva deriva da experiência que o crente tem de Deus. O temor dos discípulos significa que eles reconhecem que Jesus é o Deus presente no meio deles e que todas as pessoas são convidadas a aderir, confiar e obedecer incondicionalmente.

Esse relato de Marcos tem finalidade catequética. Deseja mostrar que o poder de Jesus cresce continuamente e se revela à vista dos discípulos, primeiro pela autoridade sobre o poder caótico desencadeado pelas ondas, depois pela superação do medo. O poder misterioso de Jesus liberta, em primeiro lugar, do medo que aprisiona as pessoas; aquele medo que tem sua raiz última na morte. Só a vitória sobre a morte será a garantia da libertação definitiva. Por isso, Marcos vai concluir sua seção de milagres narrando uma cura e a ressurreição da filha do chefe da sinagoga. Jesus vence a morte com a vitória de sua ressurreição.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A imagem do barco dos discípulos em meio à tempestade, na travessia para a outra margem do lago, oferece-nos uma descrição das primeiras comunidades em sua caminhada em busca da vida nova oferecida por Jesus. Esse texto nos convida a tomar consciência de que a comunidade nascida de Jesus é comunidade missionária, que enfrenta os perigos para ir ao encontro das pessoas. Ser discípulo de Jesus supõe deixar as instalações cômodas e tranquilas dos espaços seguros e protegidos, defendidos dos perigos do mundo e alheios aos grandes problemas que afligem a humanidade, sobretudo os pobres, os migrantes e os marginalizados. No entanto, o evangelho deste domingo nos garante que Jesus não abandona o barco de seus discípulos. Ele está sempre lá, embarcando com eles na mesma aventura, dando-lhes segurança e paz. Nos momentos de crise, desânimo e medo, os discípulos têm de ser capazes de descobrir sua presença silenciosa, mas sempre amorosa, que não os deixa sós.

A missão dos que se dedicam ao serviço do Reino de Deus não é fácil. A vida de discípulos não raro comporta momentos de solidão, oposições, incompreensões do mundo. Seguir Jesus não livra o discípulo do confronto com suas fragilidades e impotências diante de determinadas circunstâncias. Muitas vezes, nossa fé não é suficiente e precisamos ouvir a pergunta de Jesus – “Ainda não tendes fé?” –, porque não conseguimos identificar sua presença amorosa em meio às tempestades da existência. Ele não faz intervenções mágicas em nossa vida, mas está em comunhão conosco sempre, em qualquer lugar e situação.

À luz do dia mundial do migrante e do refugiado e dos acontecimentos dramáticos que têm marcado os últimos tempos, sobretudo da pandemia que assolou o mundo, o papa Francisco nos exorta ao cuidado amoroso para com todas as pessoas deslocadas

internamente devido a grandes perdas na vida, incluindo aquelas que atravessaram e ainda vivem experiências de precariedade, abandono, marginalização e rejeição por causa da Covid-19.

13º COMUM DO TEMPO COMUM

27 de junho

“Menina: levanta-te”

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras deste domingo nos convidam a meditar que Deus é o autor da vida; ele criou o ser humano para a vida eterna. Na concepção bíblica, a morte física não significa o fim da vida, mas sua transformação para uma condição de imortalidade, pois viver é estar com Deus. A obra da criação é uma ação divina em favor da vida. Esse é o grande ensinamento da primeira leitura, do livro da Sabedoria.

Jesus, em sua vida terrena, sempre defendeu a vida. O itinerário de Marcos aproxima-se do momento culminante: o desabrochar da fé dos discípulos, reconhecendo a divindade de Jesus. O evangelho desta liturgia nos apresenta um duplo milagre: a cura da filha de Jairo e a da mulher hemorrágica. Jesus não somente tem autoridade, mas também força para curar as enfermidades.

A segunda leitura nos lembra que Deus dá a vida e revela isso àqueles que acreditam em Jesus Cristo, seu Filho. Se essa é a Boa-nova, não podemos ficar insensíveis ao pedido de Paulo acerca da partilha fraterna que deve existir entre irmãos, expressa por meio da coleta entre as comunidades para ajudar os pobres.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 1,13-15; 2,23-24)

O livro da Sabedoria oferece uma reflexão teológica produzida por comunidades judaicas em um período muito próximo do Novo Testamento. A longa caminhada de

fê percorrida no Antigo Testamento chega à maturidade de apresentar o rosto de um Deus gerador de vida. Tal ensinamento contradiz certas ideias espalhadas na época, segundo as quais aqueles que não agradavam a Deus deviam morrer. O autor bíblico deixa claro que a morte não tem origem divina, mas veio ao mundo por inveja do demônio.

A mensagem central do texto é que quem pertence a Deus, pela fê, experimenta sempre a vida; para o justo, morrer é entrar na imortalidade. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e foi chamado à comunhão eterna com o Criador, que restaura a vida em perigo de se apagar. O livro da Sabedoria superou a mentalidade antiga que se fundamentava na crença de que o pecador devia morrer e somente os justos iriam ressuscitar.

2. II leitura (2Cor 8,7.9.13-15)

A partilha e o cuidado com o empobrecido eram uma tradição arraigada no Pentateuco que foi retomada e ampliada no Novo Testamento. A sensibilidade para com os necessitados também fazia parte da vida das primeiras comunidades cristãs. Nesse texto, Paulo exorta a comunidade de Corinto a praticar a entreajuda e a partilha com as comunidades mais carentes. O apóstolo tinha organizado uma coleta nas comunidades da Ásia Menor, as quais se encontravam em uma realidade econômica melhor, para ajudar as comunidades de Jerusalém. Tal iniciativa correspondia às orientações da Igreja nascente. O apóstolo justifica essa ação de partilha recordando a generosidade de Cristo, que não se apegou a nada do que tinha e deu tudo de si, até a própria vida. Paulo propõe Jesus como o modelo para todo cristão, pois todos se beneficiaram de sua oferta generosa na cruz, todos foram redimidos graças à sua doação total. Portanto os discípulos, em conformidade com esse espírito, partilham tudo que está ao seu alcance para o benefício dos irmãos.

Vamos sonhar juntos O caminho para um futuro melhor

Papa Francisco



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Com uma narrativa direta e poderosa, o Papa Francisco traz uma análise do que a crise gerada pela pandemia de Covid-19 pode nos ensinar sobre a maneira como lidamos com turbulências. Fazendo referência às descobertas mais recentes de cientistas, economistas, ativistas e outros pensadores renomados, ele nos apresenta um projeto inspirador e tangível para construirmos um mundo melhor, colocando os pobres, as comunidades marginalizadas e o planeta em primeiro lugar.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

3. Evangelho (Mc 5,21-43)

O relato do duplo milagre realizado por Jesus sugere o crescimento da fé salvífica. A decisão do evangelista de colocar os dois milagres juntos tem uma finalidade catequética: em ambos os acontecimentos, passa-se de uma fé/confiança inicial em Jesus ao encontro definitivo com ele, como fonte de salvação e vida plena. Jesus, ao usar a expressão imperativa: “Sê curada”, denota sua afeição pela mulher, restaurada na sua dignidade total; é restabelecida na sociedade, que a excluía por ser doente. Foi sua fé que a salvou, e Jesus se alegra com isso. Nos Evangelhos, a cura é consequência do dom da fé, que é sempre fonte de vida e felicidade.

No segundo milagre, a expressão “Levanta-te!” traduz perfeitamente que Jesus é o Senhor da vida. O imperativo tem o mesmo sentido de: “Ressuscita!” Aqui já se evoca a plena vitória de Jesus sobre a morte, na ressurreição. A recomendação de que ninguém soubesse o que tinha acontecido é paradoxal, considerando as circunstâncias.

Esse silêncio, contudo, é perfeitamente lógico na perspectiva do Evangelho segundo Marcos. Jesus venceu a morte, mas seria uma vitória muito pequena, se se resumisse a devolver alguns anos de vida à criança. O milagre é apenas um sinal, a antecipação da vitória final de Jesus na cruz, onde será elevado, vencendo a morte para sempre. As testemunhas do milagre ficarão em silêncio, porque Pedro, Tiago e João ainda irão presenciar a transfiguração do Senhor na montanha e depois sua vitória final em Jerusalém.

As duas mulheres agraciadas pela ação de Jesus tinham algo em comum: uma sofria fazia 12 anos e a outra morreu aos 12 anos de idade, antes de se tornar mulher. Na concepção judaica, ambos os casos constituíam um fracasso total, pois nenhuma delas tinha condição de gerar vida. Cristo cura as duas mulheres e permite-lhes, assim, desempenhar

sua vocação materna. Em seu ministério, Jesus transforma a vida daqueles e daquelas que abraçam a fé. No contexto das primeiras comunidades cristãs, o relato ressaltava que a fé era condição essencial para receber o batismo, o sacramento da vida nova em Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Os dois milagres realizados por Jesus evidenciam que a fé pode transformar a vida das pessoas. Jairo, como chefe da sinagoga, dá grande testemunho de fé ao cair de joelhos diante de Jesus. É a atitude daquele que teme a Deus: ajoelha-se e dirige sua súplica para que Jesus lhe cure a filha. A mulher hemorrágica contenta-se em tocar em Jesus e tem a certeza de que ficará curada, embora fosse considerada impura, indigna de tocar em suas vestes. Para Jesus, basta apenas essa fé para levantar as pessoas de situações de morte, curar a humanidade ferida. As atitudes daqueles que presenciam as cenas são diversas: alguns têm fé, outros riem, duvidam, fazem ironia. Podemos tomar parte das cenas e meditar onde nos situamos; como se caracterizam nossas atitudes diante de situações que exigem fé.

As cenas descrevem Jesus mergulhando no barulho e nos apertos da multidão. Jairo e a mulher hemorrágica representam aqueles que desejam encontrar-se com ele e são atendidos em seus clamores. Vemos que Jesus circulava em meio ao povo, atento às necessidades concretas daqueles que o procuravam. Ao seu olhar, ninguém era anônimo, e ele cuidava de cada pessoa na sua individualidade. Nele habitava o cuidado amoroso de Deus. Jesus acolhia a todos e não era indiferente às angústias; ao contrário, tomava a iniciativa de ir ao encontro dos sofrimentos onde as pessoas estivessem. Para nós, que acreditamos em Jesus, ele é a única verdadeira fonte de vida; não só para nós, mas também para aqueles por quem intercedemos, a exemplo de Jairo. **vp**

O MELHOR DOS ESTUDOS JOANINOS EM UM ÚNICO BOX!



Nesses dois volumes estão reunidos vários anos de magistério do autor, um dos professores de Sagrada Escritura mais renomados do século XX.

Diante das muitas controvérsias sobre o quarto Evangelho, Brown tece uma síntese de todas as escolas de estudo joanino anteriores a ele e inspira contribuições futuras.

**Conheça essa verdadeira enciclopédia sobre o Evangelho de João,
agrupada em um único box!**

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus


PARA QUE
A PALAVRA
DO SENHOR SE ESPALHE
RAPIDAMENTE
ANO BIBLICO DA FAMILIA PAULINA 2020-2021

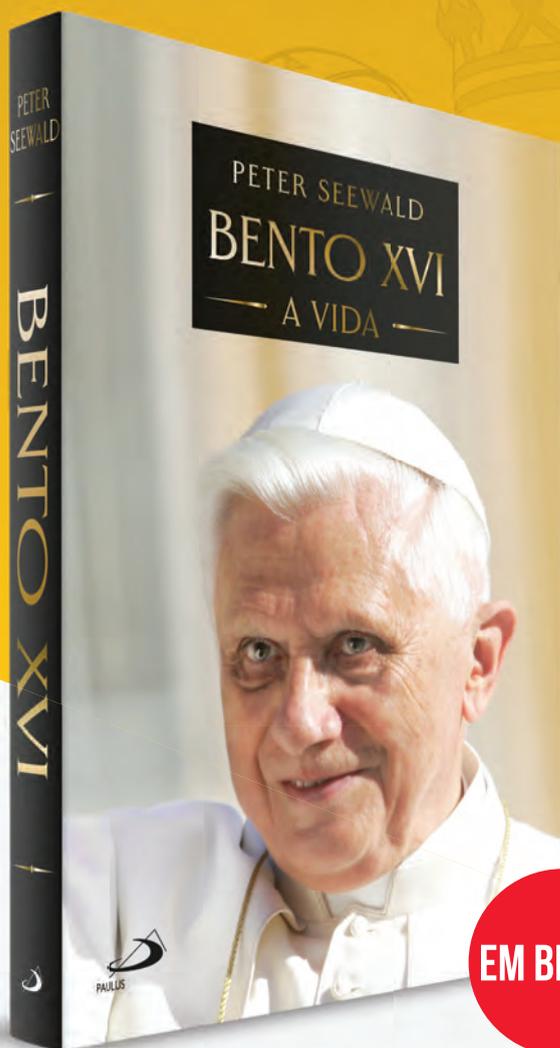


Aponte a
câmera do
celular e
adquira o seu!


PAULUS

A NOVA BIOGRAFIA DE **BENTO XVI**

AGORA EM PORTUGUÊS!



Lançada na Alemanha em maio do ano passado, chega ao Brasil essa biografia tão aguardada pelos leitores de Língua Portuguesa!

Diante das muitas controvérsias em torno da figura de Ratzinger, a obra traz informações surpreendentes, adquiridas através de 2 mil perguntas feitas pelo autor ao papa emérito durante os vinte anos de amizade entre eles.

Conheça as verdades e os mitos sobre o “papa que renunciou”.

EM BREVE!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Comunicação
para um mundo melhor

